UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOQUÍMICA E FISIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AVALIAÇÃO TOXICOLÓGICA E ATIVIDADES ANTIMICROBIANA E ANTI-INFLAMATÓRIA DE EXTRATO ETANÓLICO DE FOLHAS DE *Morus alba* L. (Moraceae)

ALISSON MACÁRIO DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. THIAGO HENRIQUE NAPOLEÃO
COORIENTADORA: PROFA. DRA. IVONE ANTÔNIA DE SOUZA

RECIFE
2015

ALISSON MACÁRIO DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO TOXICOLÓGICA E ATIVIDADES ANTIMICROBIANA E ANTI-INFLAMATÓRIA DE EXTRATO ETANÓLICO DE FOLHAS DE *Morus alba* L. (Moraceae)

Dissertação apresentada para o cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Mestre em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco

ORIENTADOR: PROF. DR. THIAGO HENRIQUE NAPOLEÃO

COORIENTADORA: PROFA. DRA. IVONE ANTÔNIA DE SOUZA

RECIFE

2015

Catalogação na fonte
Elaine Barroso
CRB 1728

Oliveira, Alisson Macário de
Avaliação toxicológica e atividades antimicrobiana e antiinflamatória de extrato etanólico de folhas de *Morus Alba* L. (Moraceae)/ Alisson Macário de Oliveira– Recife: O Autor, 2015.

51 folhas : il., fig., tab.
Orientador: Thiago Henrique Napoleão
Coorientadora: Ivone Antonia de Souza
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Biológicas. Bioquímica e Fisiologia, 2015.
Inclui bibliografia e anexos

1. Química vegetal 2. Moraceae 3. Testes de toxicidade I. Napoleão, Thiago Henrique (orientador) II. Souza, Ivone Antonia de (coorientadora) III. Título

572.2 CDD (22.ed.) UFPE/CCB-2015-205

ALISSON MACÁRIO DE OLIVEIRA

AVALIAÇÃO TOXICOLÓGICA E ATIVIDADES ANTIMICROBIANA E ANTI-INFLAMATÓRIA DE EXTRATO ETANÓLICO DE FOLHAS DE *Morus alba* L. (Moraceae)

Dissertação apresentada para o cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Mestre em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco

Aprovado por:

Prof. Dr. Thiago Henrique Napoleão (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Patrícia Maria Guedes Paiva
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Emmanuel Viana Pontual
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Sócrates Golzio dos Santos
Universidade Federal da Paraíba

Data: 13 / 08 / 2015

Dedico essa dissertação ao meus pais, familiares
e amigos por todo incentivo e colaboração
durante toda minha vida, servindo de inspiração
e exemplo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por conceder o dom da vida e poder trilhar meu caminho de forma honesta e perseverante.

Aos meus pais, José Paulo e Marlene Macário, por sempre acreditarem e confiarem nos meus sonhos.

Aos meus irmãos por sempre me incentivarem na minha caminhada acadêmica e acreditarem no meu potencial.

À minha sobrinha, Micaelle Oliveira, pois mesmo estando em outra cidade suas palavras de incentivo me enchiam de motivação.

A Charles Ferreira pela paciência inesgotável em me acompanhar nessa jornada de mestrado desde a seleção até a defesa. Seu carinho, apoio e compreensão foram de fundamental importância.

Ao Prof. Dr. Thiago Henrique Napoleão, pela oportunidade, pelo exemplo de extrema competência e dedicação, pelas orientações de valor inestimável e por toda paciência ao longo dessa jornada.

À Profa. Dra. Ivone Antônia de Souza, pelo valor de sua orientação, por abrir as portas de seu laboratório para realização dos ensaios biológicos *in vivo*, pelos momentos de discussão sobre o desenvolvimento dos trabalhos, por sua atenção, dedicação e amizade.

À Profa. Dra. Patrícia Maria Guedes Paiva, pela extrema sapiência em me direcionar aos caminhos que sempre almejei e pela disponibilidade para conversas e conselhos.

À Profa. Dra. Edeltrudes de Oliveira Lima, pela disponibilidade de realização de ensaios microbiológicos em seu laboratório na UFPB.

À Profa. Dra. Paloma Lys Medeiros, pela disposição, paciência e boa vontade para sempre nos atender para confecção e análise das lâminas histológicas.

Ao Prof. Dr. Cristiano Aparecido Chagas por abrir as portas do seu laboratório no CAV para realização de experimentos desse trabalho, bem como toda sua atenção para discussão dos resultados.

Às Professoras Dra. Teresinha Gonçalves da Silva e Dra. Jaciana dos Santos Aguiar, pela abertura em seus laboratórios para realização de ensaios que integram essa dissertação.

A todos que fazem parte do Laboratório de Farmacologia e Cancerologia Experimental da UFPE: Matheus Mesquita, Matheus Nascimento, Gabriela Cavalcante, Lívia, Thamires Saches, Laise Oliveira e Eduardo, por todo apoio prestado ao longo desses meses de experimentação.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Bioquímica e Fisiologia que, de forma direta ou indireta, contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

A Djalma, secretário do Programa de Pós-graduação em Bioquímica e Fisiologia, pela sua paciência em todos os momentos que precisei e sempre fui muito bem atendido e pelo seu incentivo de sempre continuar.

A CAPES, pela concessão de Bolsa de Mestrado.

Às agências de fomento, CNPq, FACEPE e CAPES, por subsidiarem o desenvolvimento do projeto.

“Não seja o de hoje. Não suspires por ontem. Não queiras ser o de amanhã. Faze-te sem limites no tempo”.

(Cecília Meireles)

RESUMO

Morus alba L. (amoreira branca) é uma planta utilizada em todo o mundo no tratamento de diversas enfermidades, incluindo distúrbios inflamatórios. Essa planta tem origem asiática, mas demonstrou boa adaptação ao solo brasileiro. Diante da expansão do uso medicinal de *M. alba*, inclusive comercialmente, o presente trabalho teve por objetivos construir um painel de toxicidade para extrato etanólico das folhas dessa planta e determinar seu potencial como agente antimicrobiano e anti-inflamatório. O extrato foi analisado quanto à composição química por cromatografia em camada delgada. As análises toxicológicas realizadas foram: ensaio de letalidade para o microcrustáceo *Artemia salina* (concentrações: 100–1000 µg/mL); ensaio de toxicidade aguda por via oral para camundongos (doses: 300 e 2000 mg/kg); determinação da genotoxicidade *in vivo* para camundongos através do teste do micronúcleo (doses: 75, 150 e 300 mg/kg v.o.); e ensaios de citotoxicidade para as células tumorais humanas NCI-H292, HEp-2, HT-29, MCF-7 e HL-60 (concentração: 50 µg/mL). Na avaliação do potencial anti-inflamatório, foi utilizado o modelo de inflamação aguda induzida por carragenina em bolsão de ar (doses: 75, 150 e 300 mg/kg v.o.). A ação anti-inflamatória foi avaliada através da quantificação do número de leucócitos nos exsudatos coletados dos bolsões. Atividade antimicrobiana foi avaliada contra bactérias e fungos de importância médica. A análise fitoquímica revelou a presença de cumarinas, flavonoides, taninos e triterpenos no extrato, o qual não promoveu mortalidade dos náuplios de *A. salina.* No teste de toxicidade aguda, não houve mortalidade nem alterações comportamentais nos camundongos tratados com o extrato durante 14 dias. Contudo, a análise de parâmetros hematológicos e bioquímicos revelou que os animais que receberam a dose mais alta apresentaram valores significativamente ($p < 0,05$) menores de volume corpuscular médio eritrocitário (VCM) e concentração média de hemoglobina corpuscular (CMHC), bem como atividade aumentada de fosfatase alcalina no plasma. Nos tratamentos com o extrato a 300 e 2000 mg/kg, houve redução no número de leucócitos, com diminuição da percentagem de linfócitos e aumento na proporção de células segmentadas. Análise histopatológica dos órgãos dos animais tratados com o extrato a 2000 mg/kg revelou turgidez dos túbulos contorcidos renais, presença de infiltrado leucocitário ao redor da veia centrilobular hepática e elevada dispersão da polpa branca esplênica. Avaliação do potencial genotóxico *in vivo* revelou que o extrato não causou aumento na frequência de micronúcleos, em comparação com o controle negativo. O extrato também não demonstrou citotoxicidade para as linhagens celulares testadas. Com base nos resultados obtidos nos testes de toxicidade, o potencial anti-inflamatório do extrato foi avaliado utilizando doses menores e igual a 300 mg/kg. Foi verificada redução do número de leucócitos nos grupos tratados com 75 (56,8%), 150 (62,9%) e 300 (65,6%) mg/kg, em comparação com o grupo controle. A dose de 300 mg/kg mostrou efeito de inibição similar ao observado no grupo padrão, que recebeu indometacina a 10 mg/kg, i.p (64,7%). Por fim, o extrato apresentou atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Candida albicans*, *Candida krusei*, *Candida tropicalis* e *Aspergillus flavus*. Em conclusão, o extrato etanólico de folhas de *M. alba* apresentou potencial anti-inflamatório e antimicrobiano, não sendo letal nem apresentando efeito genotóxico para camundongos quando ingerido na dose de 300 mg/kg. Contudo, a utilização do extrato na dose de 2000 mg/kg deve ser evitada, devido às alterações bioquímicas, hematológicas e histopatológicas detectadas no ensaio de toxicidade aguda.

Palavras-chave: amoreira branca; análise toxicológica; genotoxicidade; citotoxicidade; atividade antimicrobiana; inflamação aguda.

ABSTRACT

Morus alba L. (white mulberry) is a plant used around the world for treatment of several infirmities, including inflammatory disorders. This plant is originated from Asia but showed good adaptation to Brazilian soil. In view of the expansion of the medicinal use of *M. alba*, including commercially, the present work aimed to build a toxicity panel for an ethanolic extract from leaves of this plant and to determine its potential as antimicrobial and anti-inflammatory agents. The extract was analyzed for chemical composition through thin layer chromatography. The toxicological analyses performed were: lethality assay with the microcrustacean *Artemia salina* (concentrations: 100–1000 µg/mL); acute oral toxicity assay to mice (doses: 300 and 2000 mg/kg); determination of *in vivo* genotoxicity to mice by micronucleus test (doses: 75, 150 and 300 mg/kg *per os*); and cytotoxicity assays to the human tumor cells NCI-H292, HEp-2, HT-29, MCF-7 and HL-60 (concentration: 50 µg/mL). In the evaluation of anti-inflammatory potential, it was used the model of acute inflammation induced by carrageenan in air pouch (doses: 75, 150 and 300 mg/kg *per os*). The anti-inflammatory action was evaluated by the quantification of the number of leukocytes in exudates collected from the pouches. Antimicrobial activity was evaluated against bacteria and fungi of medical importance. The phytochemical analysis revealed the presence of coumarins, flavonoids, tannins and triterpenes in the extract, which did not promote mortality of *A. salina* nauplii. In the acute oral toxicity assay, there was no mortality or behavioral alterations in mice treated with the extract during 14 days. However, the analysis of hematologic and biochemical parameters revealed that animals that received the highest dose showed significantly ($p < 0.05$) lower values of mean erythrocyte corpuscular volume (MCV) and mean concentration of corpuscular hemoglobin (MCHC) as well as increased activity of alkaline phosphatase in plasma. In the treatments with the extract at 300 and 2000 mg/kg, there was reduction in the number of leukocytes, with decrease of lymphocyte percentage and increase in the proportion of segmented cells. Histopathological analysis of the organs from animals treated with the extract at 2000 mg/kg revealed turgidity of renal contorted tubules, presence of leukocyte infiltration around the hepatic centrilobular vein and high dispersion of the spleen white pulp. Evaluation of the *in vivo* genotoxic potential revealed that the extract did not cause increase in the frequency of micronuclei, in comparison with negative control. The extract also did not show cytotoxicity to the cell lines tested. Based on the results obtained in the toxicity assays, the anti-inflammatory potential of the extract was evaluated using doses lower and equal to 300 mg/kg. It was verified a reduction in the number of leukocytes in the groups treated with the extract at 75 (56.8%), 150 (62.9%) and 300 (65.6%) mg/kg, in comparison with control group. The dose of 300 mg/kg showed inhibitory effect similar to that observed in the standard group, which received indometacin 10 mg/kg, i.p (64.7%). Finally, the extract showed antimicrobial activity against *Staphylococcus aureus*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Candida albicans*, *Candida krusei*, *Candida tropicalis* and *Aspergillus flavus*. In conclusion, the ethanolic extract from *M. alba* leaves showed anti-inflammatory and antimicrobial potential, being not lethal and showing no genotoxic effect when ingested by mice at the dose of 300 mg/kg. However, the use of the extract at 2000 mg/kg should be avoided, due to the biochemical, hematological and histopathological alterations detected in the acute toxicity assay.

Keywords: white mulberry; toxicological analysis; genotoxicity; cytotoxicity; antimicrobial activity; acute inflammation.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS

ALT – Alanina aminotransferase

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

AST – Aspartato aminotransferase

CMI – Concentração mínima inibitória (em inglês **MIC –** *minimal inhibitory concentration*)

CMHC – Concentração média de hemoglobina corpuscular (em inglês **MCHC –** *mean corpuscular hemoglobin concentration*)

DMEM – *Dulbecco's Modified Eagle's Medium*

DMSO – Dimetilsulfóxido

GGT – Gama glutamil transferase

HCM – Hemoglobina corpuscular média (em inglês **MCH** – *mean corpuscular hemoglobin*)

IL-1β **–** Interleucina 1β

INCA – Instituto Nacional do Câncer

MTT – Brometo de 3-(4,5-dimetiltiazol-2-il)-2,5-difenil-tetrazólio

OECD – *The Organization for Economic Co-operation and Development*

OMS – Organização Mundial de Saúde

SBMCTA – Sociedade Brasileira de Mutagênese Carcinogênese e Teratogênese Ambiental

TLC – *Thin layer chromatography*

TMN – Teste de Micronúcleo

TNF-α – Fator de Necrose Tumoral

VCM – Volume corpuscular médio (em inglês **MCV –** *mean corpuscular volume*)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

As plantas têm tido papel fundamental para o desenvolvimento humano, tanto como componentes na alimentação quanto na busca de estratégias para a cura de enfermidades. Além da eficácia atribuída a diversas espécies, conhecidas como plantas medicinais, o contínuo uso de vegetais pela população para fins terapêuticos está também relacionado com o custo elevado dos medicamentos alopáticos convencionais e a falta de acesso aos mesmos VEIGA-JUNIOR et al., 2005; SAAD et al., 2006; SHAW, 2010).

A fitoterapia, também conhecida como medicina alternativa ou medicina popular, é mundialmente responsável pela forma mais comum de tratamento de doenças e, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 80% das populações dos países em desenvolvimento utilizam esse tipo de terapia (OMS, 2011). Contudo, as plantas medicinais têm sido empregadas de modo predominantemente empírico pelas populações, seja pela ausência de estudos científicos e toxicológicos ou pelo desconhecimento dos resultados dessas pesquisas. O crescente aumento na utilização e comercialização de plantas medicinais tem impulsionado a busca de informações comprovadas cientificamente sobre sua segurança e eficácia terapêutica (TUROLLA e NASCIMENTO, 2005; SAAD et al., 2006; RIBEIRO et al., 2012).

Os vegetais são utilizados de diversas maneiras para propósitos terapêuticos: *in natura*, com partes inteiras ou rasuradas para a preparação de chás e infusões, por exemplo; ou sob a forma de drogas pulverizadas, extratos brutos ou frações, tinturas, comprimidos e cápsulas. Finalmente, as preparações vegetais podem ser submetidas a sucessivos processos de extração e purificação, para isolamento de substâncias de interesse (RATES, 2001).

Segundo a Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), um medicamento fitoterápico é um produto obtido por processos tecnologicamente adequados, empregando exclusivamente matérias-primas vegetais, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de

diagnóstico. É caracterizado pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso, bem como pela reprodutibilidade e constância de sua qualidade. Não se considera medicamento fitoterápico aquele que, na sua composição, inclua substâncias ativas isoladas de qualquer outra origem (RDC nº 17/2000).

No Brasil, o uso de plantas medicinais como alternativa terapêutica é uma prática realizada por milhares de pessoas, sendo influenciada por fatores sociais, econômicos e culturais. Frente a esta realidade, faz-se necessária a adoção de medidas que visem a ampliação das pesquisas sobre o uso seguro dessas plantas (VENSON et al., 2011).

Morus alba é uma planta nativa da Ásia, conhecida como "amoreira branca", com grande importância na medicina popular chinesa. Essa planta foi introduzida no Brasil e tem sido bastante explorada do ponto de vista medicinal, inclusive comercialmente. Diversos estudos relatam propriedades farmacológicas dessa planta visando o tratamento de enfermidades em animais e humanos. Como exemplos, podem-se citar atividades antitumoral, antioxidante, antimicrobiana, neuroprotetora e hipoglicêmica, além de potencial aliviador dos sintomas associados à osteoartrite (KIM et al., 1993; FANG et al., 2005; WANG et al., 2012; QIN et al., 2015; SEO et al., 2015; YIMAN et al., 2015).

Frente aos diversos relatos de propriedades medicinais das folhas de *M. alba*, e a ampliação do seu uso no Brasil, esse trabalho avaliou a toxicidade *in vitro* (usando *Artemia salina*), toxicidade aguda para camundongos (incluindo análise de sobrevivência, comportamento, alterações histológicas e parâmetros hematológicos e bioquímicos) e o potencial genotóxico e citotóxico de extrato etanólico obtido a partir desse tecido. De posse dos resultados, foi então determinado o potencial anti-inflamatório *in vivo* do extrato de folhas

em dose considerada segura. Adicionalmente, foi avaliada a atividade antimicrobiana frente a bactérias e fungos de importância médica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Toxicidade e produtos naturais

As células vegetais, utilizando substâncias químicas simples, conseguem sintetizar diversas substâncias complexas e que possuem grande importância para o homem, sendo denominadas de "produtos naturais" (CASTELLANO, 1981). O número total de produtos naturais produzidos por plantas foi estimado em torno de 500.000 (DEMAIN, 2000). Ao se estudar uma planta com relação às suas características fitoquímicas, deve-se considerar a existência de dois grupos distintos de metabólitos, que são importantes para seu desenvolvimento: metabólitos primários e metabólitos secundários (WANG et al., 2012)

Os metabólitos secundários são substâncias produzidas em pequenas quantidades, e, em contraste com os primários, nem sempre estão envolvidos em funções vitais do vegetal ou mesmo presente em todos eles. Além disto, são conhecidos por serem sintetizados em tipos celulares especializados e em distintos estágios de desenvolvimento. Estes constituintes químicos são extremamente diversos e cada família, gênero e espécie produz uma categoria química característica ou uma mistura delas, o que pode ser utilizado na classificação taxonômica das plantas (BELL et al. 1980; WAKSMUNDZKA-HAJNOS; SHERMA; KOWALSKA, 2008; SIMÕES et al., 2010). Alguns metabólitos secundários possuem reconhecida importância comercial, pois podem ser aplicados industrialmente e possuem propriedades terapêuticas, sendo considerados princípios ativos para obtenção de medicamentos (OLIVEIRA, et al., 2011). Contudo, diferentemente do que muitos acreditam, a origem natural desses produtos não os torna isentos de toxicidade para seres humanos.

O conceito de que "todas as substâncias são tóxicas, sendo a dose o que diferencia um medicamento de um agente tóxico" foi introduzido por Paracelsos (1493

-1541). Um agente tóxico é todo aquele que, em determinada dose, provoca desestabilização do organismo, enfermidades e até a morte (VEIGA JR.; PINTO; MACIEL, 2005). Em outras palavras, a toxicidade de uma substância para um organismo vivo corresponde à capacidade de causar dano grave ou morte (OECD, 2001).

Todos os organismos apresentam a capacidade de responder a variações externas, de modo a manter sua homeostasia. Dessa forma, através de modificações bioquímicas e morfológicas e de mecanismos fisiológicos, os organismos podem se adaptar a condições adversas de exposição a substâncias estranhas, sem manifestações de toxicidade. Entretanto, quando o organismo não é capaz de se adaptar à presença dessas substâncias, manifesta-se o efeito tóxico (BARROS, DAVINO, 2003).

A maioria dos consumidores de produtos de origem natural são motivados, além dos custos menores, pela prerrogativa de que tais produtos são isentos de efeitos adversos, desconhecendo que a toxicidade, efeitos colaterais, interações com outras drogas ou alimentos, e os produtos de sua biotransformação são causas frequentes de problemas de saúde pública e internações em hospitais (VEIGA JR.; PINTO; MACIEL, 2005; LANGMAN; KAPUR, 2006).

Em relação às plantas medicinais, a toxicidade de seus produtos é ainda mais subestimada devido ao fato de que a ocorrência de efeitos indesejáveis, geralmente, é menor quando comparada a drogas sintéticas (FERREIRA-MACHADO et al., 2004). Entretanto, tanto o uso como também estudos de plantas medicinais comprovaram que várias espécies vegetais possuem substâncias potencialmente perigosas e, por esta razão, devem ser utilizadas respeitando-se os riscos toxicológicos (VEIGA JR; PINTO; MACIEL, 2005).

O uso de uma espécie vegetal pela população não é suficiente para validar sua segurança e eficácia, já que frequentemente a indicação é feita por pessoas leigas, sendo a intoxicação um resultado frequente (RATES, 2001). Os estudos toxicológicos de xenobióticos

visam garantir a segurança do homem frente a possíveis efeitos negativos, estabelecendo limites seguros para a aplicabilidade de uma nova substância e contribuindo, assim, para o desenvolvimento de novos fármacos (HODGSON, 2003). Os testes toxicológicos permitem avaliações de parâmetros, como alterações de massa corporal do animal, consumo de água e ração (JAHN; GÜNZEL, 1997), condições anatomopatológicas dos órgãos, parâmetros bioquímicos e hematológicos e influência na reprodução (REBOREDO et al., 2007).

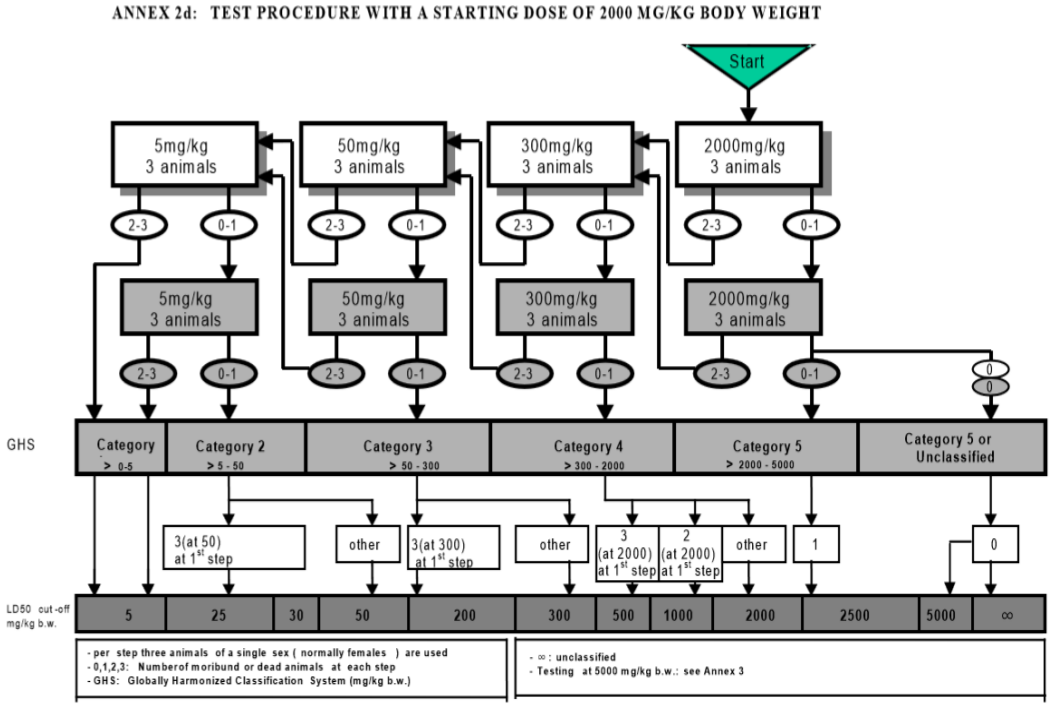
A toxicidade e a segurança de uma determinada substância química estão relacionadas com sua concentração e tempo de permanência e/ou exposição, de forma que os testes de toxicidade devem ser realizados de forma padronizada e em condições replicáveis (SILVERIA, 2007). Além das interações com medicamentos e/ou alimentos, possíveis reações adversas inerentes de preparações vegetais podem depender de características do paciente como gênero, idade e estado de nutricional, entre outros (BALBINO; DIAS, 2010).

Dentre os bioensaios de toxicidade, encontra-se o ensaio de letalidade frente a *Artemia salina* Leach, um microcrustáceo de água salgada comumente utilizdo como alimento para peixes. A simplicidade com que pode ser manuseado, a rapidez dos ensaios e o baixo custo favorece a sua utilização rotineira em análises preliminares de toxicidade geral (LUNA et al., 2005; NASCIMENTO et al., 2008). A literatura relata que existe uma correlação entre a toxicidade geral frente *A. salina* e atividades como antifúngica, antiviral, antimicrobiana (MacRAE; HUDSON; TOWERS, 1988), antiparasitária (SAHPAZ et al., 1994) e tripanocida (ZANI et al., 1995), entre outras. Há, também, correlação com a citotoxicidade para linhagens celulares tumorais humanas (MacLAUGHLIN, 1991).

Dentre vários métodos ou testes empregados para avaliar efeitos toxicológicos *in vivo*, o teste de toxicidade aguda permite definir o grau de toxicidade intrínseca do composto, identificar órgãos que podem ser alvos de efeitos indesejados e selecionar doses para estudos de longa duração (ALMEIDA, 2011). A Figura 1 apresenta o protocolo estabelecido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (www.oecd.org) com

orientações para avaliação da toxicidade aguda de drogas. O teste é iniciado a partir da administração dos produtos na dose de 2000 mg/kg, e estabelece classificações do nível de toxicidade de acordo com a mortalidade em diferentes doses.

Figura 1- Avaliação de toxicidade aguda de acordo com o guia da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD).



Fonte: OECD (2001).

Além da avaliação da mortalidade, a análise toxicológica pode ser complementada pela avaliação de alterações em órgãos e em parâmetros bioquímicos e fisiológicos. Adicionalmente, a triagem comportamental permite avaliar se uma determinada droga modifica a atividade cerebral, através do registro de alguns sinais ou alterações de condutas apresentados pelos animais (ALMEIDA, 2011). Dessa forma, esse modelo permite avaliar se determinadas drogas apresentam toxicidade, possibilitando o estudo farmacológico de plantas e/ou fitoconstituintes com uma determinada margem de segurança (LIMA, 2011).

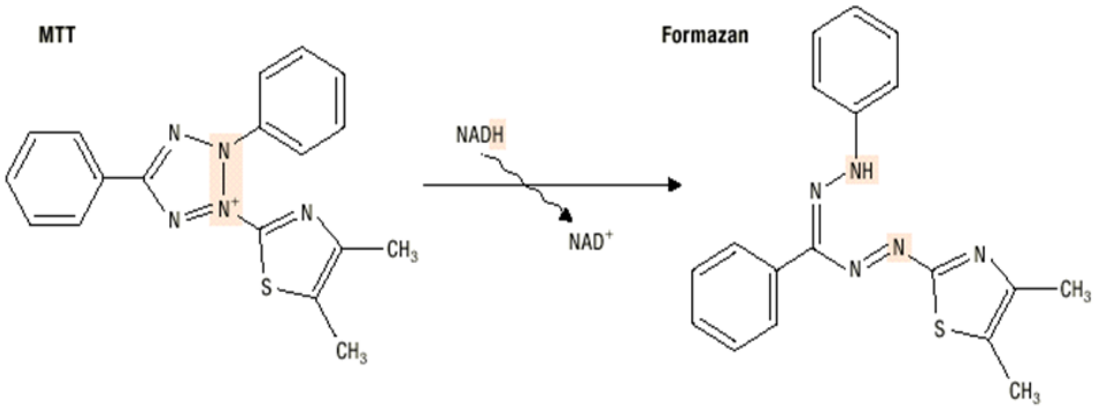
A citotoxicidade é definida como os efeitos resultantes da interferência de drogas nos processos essenciais para a sobrevivência, proliferação e funções comuns a todas as células do organismo (EKWALL, 1999). Os estudos de citotoxicidade fornecem informações a respeito do potencial tóxico de moléculas estudadas de forma mais rápida e com custos menores que os estudos *in vivo*. Neste tipo de ensaio, pode ser avaliada a viabilidade, os aspectos morfológicos, a integridade da membrana celular, bem como crescimento/proliferação das células (CASTAÑO; LECHÓN, 2005).

Um dos métodos mais utilizados é a avaliação da citotoxicidade basal utilizando o brometo de 3-(4,5-dimetiltiazol-2-il)-2,5-difenil-tetrazólio (MTT) (CASTAÑO; LECHÓN, 2005). O MTT é um corante amarelo que é reduzido por células que mantêm a integridade mitocondrial para um composto azul (formazan), insolúvel em solução aquosa (Figura 2). Uma vez solubilizado, a quantidade de formazan pode ser determinada espectroscopicamente. A redução do MTT para formazan é realizada principalmente pela enzima succinato desidrogenase, sendo muito utilizada em ensaios de avaliação de sobrevivência e proliferação celular. Somente as células viáveis reduzem o MTT, portanto a quantidade de formazan produzido é proporcional ao número de células viáveis presentes (MOSMANN, 1983; DENIZOT; LANG, 1986).

Algumas substâncias vegetais são capazes de interagir com o DNA, induzindo alterações no material genético, tais como quebras cromossômicas e mutações, o que justifica o interesse no estudo potencial genotóxico de extratos de plantas medicinais (CHACON et al., 2002). A avaliação dos efeitos genotóxicos é importante para referendar o emprego de plantas medicinais, acrescentando segurança ao usuário de fitoterápicos (RIBEIRO et al., 2003). A avaliação da genotoxicidade *in vivo* oferece como vantagens a participação doo metabolismo do animal, que nunca pode ser totalmente reproduzido num sistema *in vitro*, bem como é possível utilizar as condições de exposição a que o homem está sujeito, seja

quanto a via de administração, duração do tratamento e condições nutricionais (RABELLO-GAY et al., 1991).

Figura 2 - Reação de redução do MTT ([brometo de (3-(4,5-dimetiltiazol-2-yl)-2,5-difenil tetrazólio]) a formazan**.**



Fonte: MOSMANN (1983)

Dentre os testes de avaliação toxicológica recomendados por agências internacionais e instituições governamentais, o teste de micronúcleo (TMN) em células de sangue periférico de roedores é amplamente utilizado como um estudo toxicológico para avaliação e registro de novos produtos químicos e farmacêuticos que entram no mercado mundial, visto que os resultados obtidos são considerados fortemente relevantes no contexto humano (MORITA et al., 1997; RIBEIRO et al., 2003; TAGLIATI et al., 2008). O TMN é reconhecido por sua robustez, sensibilidade e poder estatístico para avaliar alterações nucleares resultantes da perda de informação genética no núcleo principal, em consequência de dano cromossômico estrutural ou no aparelho mitótico, bem como quebras de DNA em consequência de mutagenicidade (FENECH, 2000; ARALDI et al., 2015).

Os micronúcleos consistem em núcleos pequenos, separados e adicionais ao núcleo principal da célula que aparecem nas células filhas (como, por exemplo, eritrócitos

policromáticos) em decorrência de danos induzidos nas células precursoras, de forma que ocorre a perda de fragmentos cromossômicos ou cromossomos inteiros durante a telófase da mitose. Os eritrócitos policromáticos resultam da diferenciação dos eritroblastos, após sofrerem replicação cromossômica, sendo ainda eritrócitos imaturos, em um estágio intermediário de desenvolvimento. Eles ainda contêm ribossomos e, portanto, podem ser distinguidos dos eritrócitos normocromáticos por coloração seletiva para ribossomos (SBMCTA, 2007). Os fragmentos cromossômicos que resultam de quebras após a mitose podem ser envoltos por uma membrana nuclear, sendo visíveis como um pequeno núcleo (Figura 3) adjacente ao núcleo principal dos eritrócitos policromáticos (RIBEIRO, SALVADORI & MARQUES, 2003; SBMCTA, 2007).

Figura 3 – Visualização de micronúcleo em lâmina corada com laranja de acridina em microscópio de fluorescência (seta).

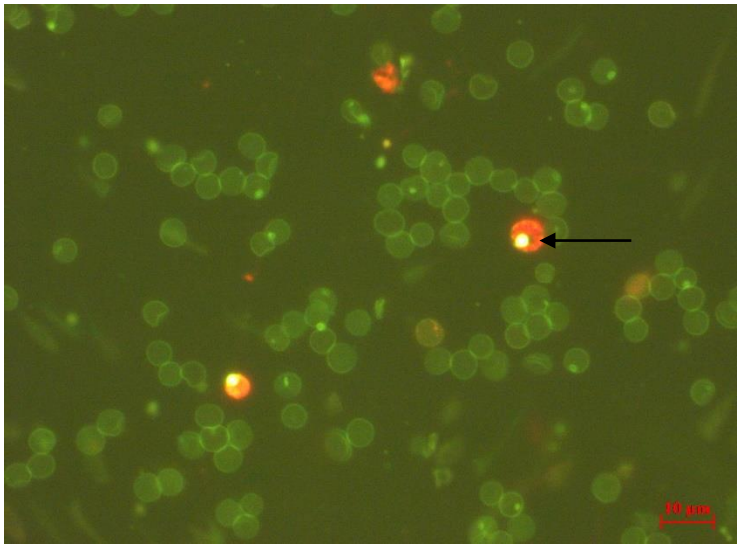


Foto: Rafael Albuquerque.

As características básicas do teste são: (1) o efeito do agente químico é observado em eritrócitos policromáticos; (2) o eritrócito policromático tem um tempo de vida relativamente

curto, de modo que qualquer micronúcleo que ele contenha deve ter sido gerado como resultado de danos cromossômicos induzidos recentemente; (3) os micronúcleos são facilmente identificáveis e a sua distribuição é bem definida; e (4) a frequência de micronúcleos é dependente do tempo de amostragem (RIBEIRO, SALVADORI & MARQUES, 2003). Ainda, deve-se ter o cuidado de coletar essas células, no mínimo, 36 horas após a administração da substância, que é quando os eritrócitos micronucleados começam a aparecer na corrente circulatória (HAYASHI, 1999). O teste de micronúcleo permite a classificação de substâncias em agentes aneugênicos (que induzem a aneuploidia ou segregação cromossômica anormal) (JOSEPH, 2004) e agentes clastogênicos (que quebram cromossomos) (WAHNSCHAFFE et al., 2005).

A associação entre citotoxicidade e genotoxicidade está bem estabelecida, pois danos ao DNA são considerados como um importante mecanismo indutor de apoptose celular. Quando ocorre uma lesão no DNA, o ciclo celular é interrompido e processos de reparo são ativados. Porém, caso a lesão seja muito complexa, inicia-se o processo de apoptose (BARTEK & LUKAS, 2007; HOUTGRAAF; VAN DER GIESSEN, 2006).

2.2 *Morus alba* L.

Morus L. (Moraceae) é um gênero composto por 10–16 espécies (dependendo das sinonímias consideradas em cada sistema de classificação) de árvores conhecidas como "amoreiras", caducifólias e nativas de regiões temperadas e subtropicais, sendo a maioria das espécies nativas da Ásia (PIAO et al., 2011). As amoreiras são amplamente cultivadas e consumidas na China, Coréia e Japão como alimento nutracêutico e hipoglicemiante, sendo essa última propriedade atribuída à presença do composto 1-deoxinojirimicina, um dos mais potentes inibidores de α-glicosidase (KIM et al., 2003).

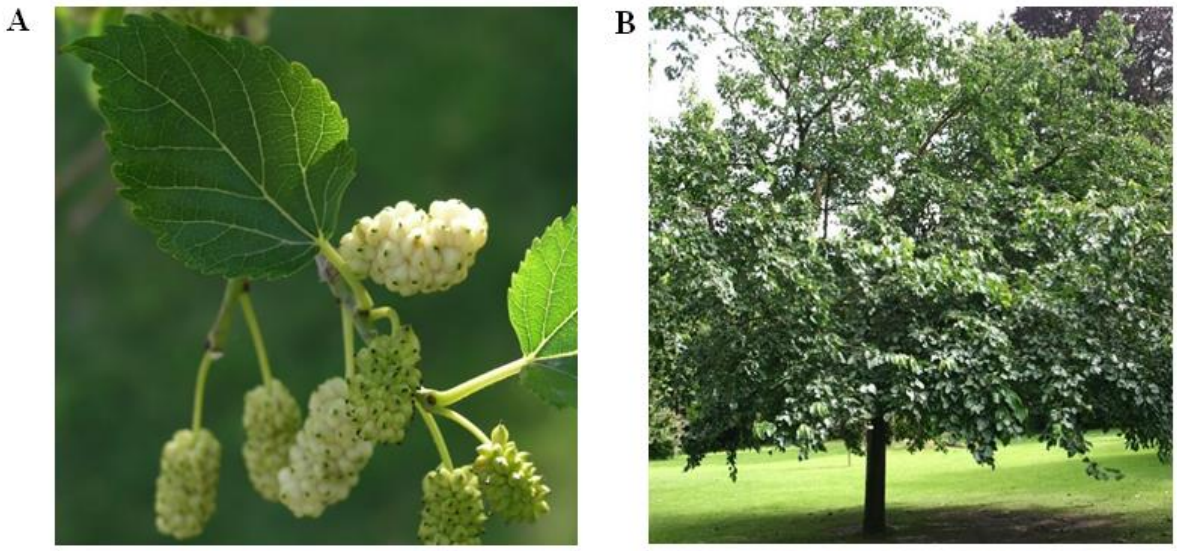
As folhas de amoreiras têm sido muito utilizadas na medicina tradicional chinesa para tratar a febre, melhorar a visão, fortalecer as articulações, reduzir a pressão arterial e níveis elevados de colesterol, evitar a formação de trombos, tratar a constipação, combater o diabetes, e como agente diurético (DOI et al., 2001; HARAUMA et al., 2003; DUGO et al., 2009; PIAO et al., 2011). Toshio et al. (2005) isolaram de espécies de *Morus* uma substância denominada chalcomoracina, a qual apresentou considerável atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus* resistente à meticilina, com atividade similar à vancomicina.

A *Morus alba*, conhecida como amoreira branca (Figura 4), é uma planta perene, rústica, de fácil cultivo e de excelente desenvolvimento, mesmo em períodos de estiagens prolongadas (MIRANDA et al., 2002). É explorada economicamente para nutrição das lagartas do bicho-da-seda (*Bombyx mori* L.), que se alimentam exclusivamente de suas folhas (OKAMOTO; RODELLA, 2006). Em função de suas características produtivas e da composição bromatológica, a amoreira branca tem sido mundialmente avaliada como alimento volumoso (de baixo teor energético, mas com altos teores em fibra ou em água) para ruminantes (MIRANDA et al., 2002). De acordo com Sanchez (2002), o valor nutricional das folhas da amoreira pode ser considerado como equivalente ao de concentrados baseados em grãos. Na medicina tradicional chinesa, suas folhas, frutos e caules são usados no tratamento do diabetes mellitus e da hipercolesterolemia, além de como sedativo, expectorante, analgésico, diurético e antiepilético (ZENI; DALL'MOLIN, 2010).

Estudos vêm sendo realizados visando confirmar o potencial farmacológico dessa planta. Uma mistura de extratos padronizados de folhas de *Uncaria gambir* e casca da raiz de *M. alba* foi relatada como terapia alternativa para aliviar a osteoartrite e seus sintomas associados (YIMAM et al, 2015). Kim et al. (2003) relataram que extratos de folhas e frutos de *M. alba* foram capazes de reduzir os déficits cognitivos em ratos. Outros relatos mencionam atividades antioxidante, antibacteriana (WANG et al., 2012), antiviral (LEE et al.,

2014) e neuroprotetora (SEE et al, 2015) de extratos e compostos isolados a partir de frutos, folhas, caule e raiz de *M. alba*.

Figura 4 – Amoreira branca (*Morus alba*). (A) Detalhe do fruto (amora) e da folha. (B) Árvore de porte médio.



Fonte: www.esacademic.com

2.3. Infecções bacterianas e fúngicas

Antibióticos são definidos como moléculas de origem natural, sintética ou semissintética, capazes de matar ou inibir o crescimento de micro-organismos. O uso de antibióticos pode ser considerado como um dos principais avanços terapêuticos do século passado (SILVA, 2010).

Os micro-organismos considerados patogênicos ao homem são responsáveis por desde infecções leves e de fácil cura até infecções graves e de difícil tratamento. Por exemplo, bactérias do gênero *Klebsiella* podem atingir diversas estruturas do corpo humano, em especial, os alvéolos pulmonares ocasionando pneumonia lobar, com formação de cavidades e

escarro sanguinolento (MURRAY et al., 2006). O gênero *Salmonella* representa um grupo de bactérias que habita o trato intestinal humano, mas que podem causar diarreia constante associada a dor e febre (CVE/CCD-SES, 2005). A salmonela, juntamente com *Escherichia coli* e espécies de *Shigella* estão entre as bactérias enteropatogênicas mais isoladas nas infecções ocorridas em enfermarias e pediatrias de unidades hospitalares (HERKENHOFF et al, 2006; NOGUEIRA et al., 2008; VERONESI et al., 2010).

Staphylococcus aureus é uma bactéria Gram-positiva, que cresce melhor em ambientes anaeróbios, mas poder ser aeróbia facultativa. Esta espécie é documentada como um patógeno oportunista em humanos, responsável por diversos casos de morbidade e mortalidade; suas infecções podem ocorrer em diversos tecidos do corpo humano e incluem: pneumonia, osteomielite, miocardite, pericardite, meningites, infecções do trato urogenital, sistema nervoso central e órgãos intra-abdominais, entre outras, além de também estar associada a intoxicações alimentares (MURRAY, 1995).

Relata-se que a prevalência de *Staphylococcus aureus* é influenciada pela idade, doença subjacente, raça, comportamento e o ambiente no qual a pessoa está inserida; cepas de *S. aureus* oportunistas vêm tornando-se cada vez mais predominantes não só em hospitais como também em comunidades, o que configura um desafio para a pesquisadores (SCHIJFFELEN et al., 2010; KHATTAK et al., 2015).

Pseudomonas aeruginosa é uma bactéria Gram-negativa e anaeróbia facultativa, responsável por infecções principalmente em ambiente hospitalar, afetando inclusive indivíduos imunocompetentes. São exemplos mais comuns peritonites, bacteremias, infecções do trato urinário e de cirurgias (MURRAY, 1995; SAVIOLLI, 2010).

Os fungos são seres dispersos no meio ambiente, sendo encontrados no ar atmosférico, solo e água, bem como habitando estruturas de outros organismos. Os fungos de interesse médico, agentes de micoses, são de dois tipos morfológicos: leveduras, que são unicelulares, e

os fungos filamentosos, também conhecidos como bolores, que são multicelulares (CAMBUIM, 2007).

As leveduras do gênero *Candida* vivem em diversos sítios anatômicos no homem, como a pele, mucosas, trato geniturinário e trato intestinal (ALONSO-VALLE, et al., 2003; EMIRA, et al., 2011). Entre 80 e 90% da microbiota fúngica é constituída por *Candida albicans*, sendo o restante atribuído a outras espécies, tais como *Candida glabrata*, *Candida tropicalis*, *Candida krusei*, *Candida lusitaniae* e *Candida guilliermondi* (PIATO, 1997; FREITAS et al., 2003; EGGIMANN et al., 2003; SHOHAM et al, 2005; HAZEN et al., 2006)

Determinadas espécies de *Candida* podem se tornar patogênicas frente a alguns fatores, como comprometimento de barreira epitelial e imunodeficiência do hospedeiro, favorecendo a infecção. Atualmente, as espécies de *Candida* são a quarta causa de infecções nosocomiais sistêmicas, ocasionando alta mortalidade e aumento do tempo de hospitalização (VIDIGAL, et al., 2009).

Nas últimas três décadas, a incidência de infecções fúngicas apresentou aumento significativo devido a diversos fatores, tais como: desenvolvimento de técnicas terapêuticas invasivas, utilização em larga escala de antibióticos de amplo espectro, número crescente de transplantes hematológicos e de órgãos sólidos, expansão da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e surgimento de novos e potentes imunossupressores (PAPAS et al.; NUCCI, et al., 2010; MICELI, 2011).

Apesar do desenvolvimento de novos antibióticos nas últimas décadas, o aparecimento de cepas de micro-organismos resistentes aumentou, em parte devido ao uso indiscriminado pela população e nos serviços de saúde (GULCIN; TEL; KIRECCI, 2008; SILVA et al., 2010). A resistência microbiana está relacionada à seleção de células microbianas não sensíveis aos antimicrobianos, levando ao estabelecimento de cepas capazes de se multiplicar, necessitando o aumento da dose terapêutica convencional para conter a infecção, ou até

mesmo não sendo possível mais o uso de determinado antibiótico. Apesar desse fenômeno ser algumas vezes decorrente da evolução natural dos micro-organismos, ele vem sendo acelerado pelo uso irracional das substâncias antimicrobianas nas práticas médicas, agrárias e veterinárias. Esse problema de saúde pública mundial torna-se um obstáculo para o sucesso dos tratamentos e diminui o número de antimicrobianos válidos disponíveis (DA SILVA et al., 2010).

Tendo em vista que bactérias e fungos resistentes a múltiplos antimicrobianos representam um desafio no tratamento de infecções, tem crescido a procura por novas substâncias com propriedades antimicrobianas (PEREIRA et al., 2004; FIRMO et al., 2014). É nessa perspectiva que vem crescendo o estudo de produtos de origem vegetal com atividade antimicrobiana (CECHINEL FILHO, 2001; CARMO et al. 2008b; OLIVEIRA et al., 2011; MIYASAKI, 2013).

Guiados pelo uso popular das espécies nativas, alguns grupos de pesquisadores estudam a atividade antimicrobiana de plantas medicinais originárias de diversas regiões do mundo. Tem-se observado o aumento no uso de antibióticos de ocorrência natural devido ao fato de os micro-organismos estarem se mostrando resistentes à maioria dos antimicrobianos conhecidos (DUARTE, 2009). O uso de extratos de plantas como agentes antimicrobianos apresenta um baixo risco de aumento da resistência microbiana porque são misturas complexas, geralmente atuando por vários mecanismos de ação, fazendo com que haja maiores dificuldades para adaptabilidade microbiana (DAFERERA, 2003; OLIVEIRA et al., 2011; MIYASAKI, 2013). Espera-se que os compostos naturais atinjam, nas células microbianas, alvos diferentes daqueles utilizados polos antibióticos conhecidos e sejam ativos contra patógenos resistentes (FERRONATO, 2007).

A técnica de microdiluição é considerada como padrão ouro na investigação da concentração inibitória mínima (CIM) em ensaios antimicrobianos. Esse método é vantajoso

por sua fácil execução e por requerer pouca quantidade de amostra e meio de cultura, podendo ser usado para grande número de produtos. Além disso, possui boa reprodutibilidade, sendo trinta vezes mais sensível que outros métodos usados na literatura (SCORZONI et al., 2007; OSTROSKY et al, 2008). Esse método tem a vantagem de poder ser utilizado tanto para produtos solúveis em água, como aqueles lipossolúveis (SCORZONI et al., 2007).

2.4. Câncer

O câncer ou neoplasia maligna é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células, que invadem tecidos e órgãos. Dividindo-se rapidamente, estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, determinando a formação de tumores malignos, que podem espalhar-se para outras regiões do corpo (metástase). As causas do câncer são variadas, podendo ser externas ou internas ao organismo, estando inter-relacionadas. As causas externas referem-se ao meio ambiente e aos hábitos ou costumes próprios de uma sociedade. As causas internas são, na maioria das vezes, geneticamente pré-determinadas, e estão ligadas à capacidade do organismo de se defender das agressões externas (INCA, 2013).

A estimativa para essa doença é que, em 2030, haverá 21,4 milhões de novos casos e 13,2 milhões de novas mortes globais (IYER et al., 2013). No Brasil, a estimativa para o ano de 2014, que será válida também para o ano de 2015, aponta para a ocorrência de aproximadamente 576 mil casos novos de câncer, incluindo os casos de pele não melanoma, reforçando a magnitude do problema do câncer no país.

A quimioterapia convencional utiliza, em geral, moléculas sintéticas e produtos naturais que esbarram, além da resistência, em outras dificuldades, tais como pouca

seletividade para o local desejado e ações adversas em células normais, causando efeitos colaterais (PAI et al., 2006; AAGAARD e ROSSI, 2007).

Dessa forma, é de fundamental importância a contínua realização de pesquisas que visem o desenvolvimento de novos fármacos com atividade antitumoral e que apresentem baixa ou nenhuma toxicidade para células normais (ALMEIDA et al., 2004).

2.5. Inflamação

O processo inflamatório é, fundamentalmente, um mecanismo de proteção com a função de livrar o organismo de agentes que causam danos em células e tecidos, remover restos celulares que foram danificados em consequência de uma injúria e promover a reparação tecidual. No entanto, os processos de inflamação podem ser potencialmente danosos ao organismo quando sua intensidade ou duração ultrapassam o nível necessário para conter o agente agressor (RANKIN, 2004). Por esta razão muitas drogas com a capacidade de interferir no processo inflamatório, atenuando sua intensidade ou reduzindo seu tempo de duração, são objeto de pesquisas (SOLEDADE, 2008).

A inflamação é predominantemente caracterizada pela presença de dor, vermelhidão (hiperemia ou rubor), calor, edema e perda de função, chamados sinais cardinais. Esses sinais são consequência de uma série de eventos que promovem aumento do fluxo e permeabilidade vascular, exsudação de fluidos, migração de leucócitos e outros efeitos induzidos pelos mediadores químicos no foco inflamatório (JANEWAY et al., 2002; KUMAR, ABBAS, FAUSTO, 2005).

Inicialmente, ocorrem os fenômenos de vasodilatação e exsudação, iniciados muitas vezes pela ação da histamina. Isso resulta em aumento localizado e imediato da irrigação sanguínea, que se traduz em um halo avermelhado em torno da lesão (rubor). Em seguida, a

ação de mediadores inflamatórios no local – tais como citocinas (pequenas proteínas liberadas por várias células do organismo e envolvidas na comunicação celular durante a resposta imune) e fragmentos de componentes do sistema complemento – promove aumento da permeabilidade, quimiotaxia (atração de células polimorfonucleares, neutrófilos e macrófagos para o foco da lesão) e efeitos sobre a adesão dos leucócitos às células endoteliais. A migração celular para os tecidos e suas ações locais determinam a dor (JANEWAY et al., 2002).

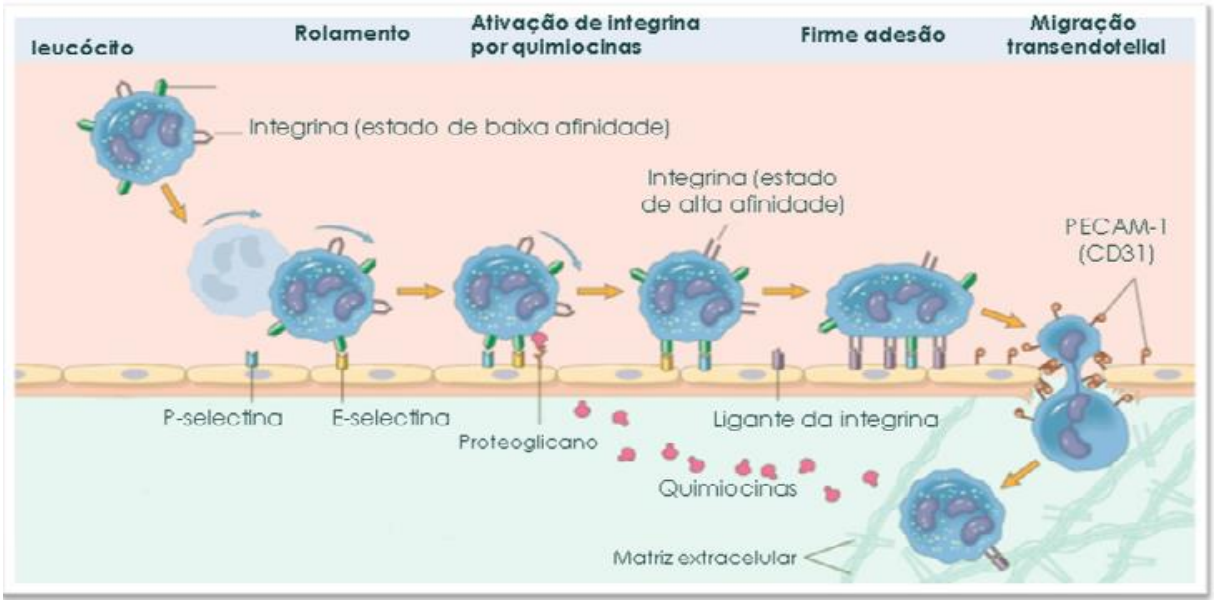
A inflamação é caracterizada como aguda e crônica. A forma aguda se caracteriza por ter uma curta duração (minutos, horas ou até duas semanas), predomínio da ação de neutrófilos e exibir fenômenos vasculares e exsudativos intensos. A inflamação crônica, sempre precedida pela forma aguda, possui longa duração (além de duas semanas), é mais específica, tem como principais células envolvidas os linfócitos, plasmócitos e macrófagos, e exibe fenômenos mais destrutivos e regenerativos do que o processo agudo. Na inflamação crônica não são observados os sinais cardinais, mas as alterações vasculares e exsudativas permanecem e há um prolongamento da fase de reparação, seja por permanência do agente agressor ou pela complexidade do processo de reparação (BRUNETTI et al., 2007).

A inflamação aguda é caracterizada pelos sinais cardinais descritos acima (KUMAR, ABBAS, FAUSTO, 2005). Além do acúmulo de líquido na região inflamada, há acúmulo de fibrina, leucócitos (especialmente neutrófilos, que são as primeiras células a chegarem nos sítios inflamatórios) e hemácias (ALBERTINE et al., 2004). Os leucócitos são atraídos pela ação das quimiocinas, as quais constituem uma classe de citocinas com propriedades quimioatratentes, induzindo células com receptores apropriados a migrarem através da fonte de quimiocinas. Essas moléculas são também comumente chamadas de interleucinas. Durante a fase tardia da inflamação aguda, há predominância dos eventos celulares, que se caracterizam pela marginação, aderência endotelial, diapedese e migração dos leucócitos para

o foco da lesão, em decorrência dos estímulos quimiotáticos (KUMAR, ABBAS, FAUSTO, 2005).

As moléculas de adesão, cuja expressão está aumentada no processo inflamatório, estão presentes tanto na superfície dos leucócitos como na parede dos vasos e permitem o rolamento e adesão firme dos leucócitos ao endotélio, o que representa fator crucial para que essas células cheguem à área lesada. Estas moléculas são as imunoglobulinas, integrinas, caderinas e selectinas (PHILLIPSON; KUBES, 2011). As selectinas estão envolvidas com a interação de pequena intensidade e rolamento inicial dos leucócitos pelo endotélio. Após o rolamento, ocorre a ativação (adesão firme ao endotélio) culminando com a migração transendotelial. Estas etapas, por sua vez, são governadas pelas integrinas e imunoglobulinas (Figura 5).

Figura 5 – Fases da migração leucocitária por controle quimiotático e moléculas de adesão.



Fonte: ROBBINS; COTRAN; KUMAR (2009).

Inúmeras citocinas participam do processo inflamatório, porém as principais são a interleucina-1B (IL-1β) e o Fator de Necrose Tumoral (TNF-α) (ZHANG, 2008). Estas duas citocinas são reconhecidas como iniciadoras do processo inflamatório, pois são responsáveis por ativar uma complexa cascata que envolve mais outras 20 citocinas (SANTOS et al., 2004).

Modelos *in vivo* de inflamação são definitivamente as melhores ferramentas para estudo, porque nenhuma outra abordagem permite a investigação simultânea de células e mediadores que interagem durante o processo inflamatório (KNAPP, 2009). O uso da carragenina como agente inflamatório apresenta inúmeras vantagens, como eficácia em níveis não tóxicos, baixa variabilidade e produção de uma curva dose-resposta com fármacos de conhecida eficácia terapêutica, sendo considerado um modelo padrão para ensaios de determinação da atividade de fármacos anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) (VAJJA et al., 2004).

A carragenina é um polissacarídeo derivado de algumas espécies de algas, sendo amplamente utilizado em diversos estudos experimentais acerca da migração de neutrófilos por ser uma substância com intensa ação quimiotática (SZABÓ; BECHARA, CUNHA, 2005). Ela desencadeia uma inflamação aguda envolvendo a liberação de vários mediadores inflamatórios, sobretudo histamina, serotonina, cininas, prostaglandinas e tromboxanos (DAMAS et al., 1990; PANTHONG, et al., 2004).

Com base nos acontecimentos moleculares que levam à inflamação, alguns trabalhos sugerem que o processo inflamatório que acompanha doenças crônicas pode ser melhorado e possivelmente até mesmo impedido pelo uso de fitoterápicos. As propriedades anti-inflamatórias de medicamentos de origem vegetal têm sido atribuídas à presença de substâncias como flavonoides e cumarinas, que agem como inibidores dos alvos moleculares e de mediadores pró-inflamatórios (IWALEWA et al., 2007). Triterpenoides de diferentes

grupos estruturais foram estudados e descritos como agentes anti-inflamatórios e imunomoduladores através da sua capacidade de inibir tanto os fatores de transcrição implicados nestes processos, como os mediadores produzidos pela sua ativação (RIOS, 2010).

O protocolo experimental do bolsão de ar tem sido empregado por sua relevante semelhança, do ponto de vista histológico, com a membrana da cavidade sinovial e, quando induzida a inflamação por injeção de carragenina, a reação é semelhante à observada em uma inflamação sinovial crônica, como a artrite reumatoide (SEDGWICK, LEES, 1986). Sendo assim, fármacos com promissores resultados em teste de bolsão de ar podem ser considerados como potenciais candidatos a fármacos antiartríticos.

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

Obter um painel referente à toxicidade do extrato etanólico das folhas de *Morus alba* L. (Moraceae) e avaliar sua atividade antimicrobiana e anti-inflamatória.

3.2. Específicos

- Identificar as classes de metabólitos secundários presentes em extrato etanólico de folhas de *M. alba*.
- Avaliar a toxicidade do extrato frente ao microcrustáceo *Artemia salina*.
- Avaliar o extrato quanto à toxicidade aguda por via oral para camundongos, determinando os efeitos sobre sobrevivência, parâmetros hematológicos e bioquímicos e histologia de fígado, baço e rins.
- Avaliar a genotoxicidade *in vivo* do extrato quando ingerido por camundongos.
- Avaliar a citotoxicidade do extrato utilizando células tumorais humanas.
- Avaliar o potencial anti-inflamatório *in vivo* do extrato em modelo de inflamação aguda.
- Avaliar o potencial antimicrobiano do extrato sobre as bactérias *Staphylococcus aureus* (ATCC – 13150, M-177 e LM-197) e *Pseudomonas aeruginosa* (ATCC -9027 e LM-6) e fungos *Candida albicans* (ATCC-76645 e LM-106), *Candida tropicalis* (ATCC-13803 e LM-6), *Candida krusei* (LM-656 e LM-978), *Aspergillus flavus* (LM-118) and *Aspergillus niger* (LM-108).

4. REFERÊNCIAS

AAGAARD, L.; ROSSI, J.J. RNAi therapeutics: principles, prospects and challenges. **Advanced Drug Delivery Reviews**, v. 59, p. 75–86, 2007.

ALBERTINI, R. et al. Effects of different protocol doses of low power gallium-aluminum-arsenate (Ga-Al-As) laser radiation (650 nm) on carrageenan induced rat paw edema. **Journal of Photochemistry and Photobiology B**, v. 74, p. 101-107, 2004.

ALMEIDA, J.R.G.S.; GUIMARÃES, A.L.; OLIVEIRA, A.P.; ARAÚJO, E.C.C.; SILVA, F.S.; NEVES, L.F.; OLIVEIRA, R.A.; SÁ, P.G.S.; QUINTANS-JÚNIOR, L.J. Evaluation of hypoglycemic potential and pre-clinical toxicology of *Morus nigra* L. (Moraceae). Latin American Journal of Pharmacy, v. 30, p. 96-100, 2011.

ALONSO-VALLE H.; ACHA, O.; GARCÍA-PALOMO, J.D.; FARIÑAS-ALVAREZ, C.;FARIÑAS, M.C. Candidemia in a tertiary care hospital: epidemiology and factors influencing mortality. **European Journal of Clinical Microbiology and Infectious Diseases**, v. 22, p. 254-257, 2003.

ARALDI, R.P. et al. Using the comet and micronucleus assays for genotoxicity studies: A review. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 72, p. 74–82, 2015.

BALBINO, E.E.; DIAS, M.F. Farmacovigilância: um passo em direção ao uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, p. 992-1000, 2010.

BARROS, S.B.M; DAVINO, S.C. Avaliação da Toxicidade. In: OGA, S. (Ed.) **Fundamentos de Toxicologia**. 2ª ed. São Paulo: Atheneu. 2003, pp. 57-67.

BARTEK, J.; LUKAS, J. DNA damage checkpoints: from initiation to recovery or adaptation**. Current Opinion in Cell Biology**, v. 19, p. 238-245, 2007.

BELL, E.A.; CHARLWOOD, B.V. Secondary plant products. Encyclopedia of Plant Physiology, vol. 8. New York: Springer-Verlag, Berlin, Heidelberg.

BRUNETTI, M.C.; FERNANDES, M.I.; MORAES, R.G. Fundamentos da Periodontia: teoria e prática. 1ª ed. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

CAMBUIM, I.I.F.N. et al. *Fusarium lateritium* (NEES) as an agent of fungemia in a patient infected with the human imunnodeficiency virus (HIV). **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 38. p. 285-286, 2007.

CARMO, E.S.; LIMA, E.O.; SOUZA, E.L. The potential of *Origanum vulgare* L. (Lamiaceae) essential oil in inhibiting the growth of some food-related *Aspergillus* species. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 39, p. 1-6, 2008.

CASTANO, A.; GOMEZ-LECHON, M. Comparison of basal cytotoxicity data between mammalian and fish cell lines: a literature survey. **Toxicology in Vitro**, v. 19, p. 695–705, 2005.

CASTELLANO, O. **Introdução à Fitoterapia**. Serviço de Arte Gráfica da Coordenadoria de Atividades Culturais - USP – São Paulo, 1981.

DAFERERA, D.J.; ZIOGAS, B.N.; POLISSIOU, M.G. The effectiveness of plant essential oils on the growth of *Botrytis cinerea*, *Fusarium* sp. and *Clavibacter michiganensis* subsp. *michiganensis*. **Journal of Crop Protection,** v. 22, p. 39-44, 2003.

DAI, S.H. et al. Guangsangons F-J, anti-oxidant and anti-inflammatory Diels-Alder type adducts, from *Morus macroura* Miq. **Phytochemistry**, v. 65, p. 3135-3141, 2004.

DAMAS, J., BOURDON, V., REMACLE-VOLON, G.; ADAM, A. Kinins and peritoneal exudates induced by carrageenin and zymosan in rats. **Brazilian Journal of Pharmacology**, v. 101, p. 418–422, 1990.

DE FREITAS, J., WINTZ, H., KIM, J.H., POYNTON, H., FOX, T.; VULPE, C. Yeast, a model organism for iron and copper metabolism studies. **Biometals**, v. 16, p. 185-197, 2003.

DEMAIN, A.L. Indiolites from microorganisms: a brilliant past, a bright future. In: LUIJENDIJK, T.J.C.; VERPOORTE, R. (Eds.) **Years of Natural Products Research: Past, Present and Future**. Amsterdam, Vrije University, 2000, pp. 119-136.

DENIZOT, F.; LANG, R. Rapid colorimetric assay for cell growth and survival. Modifications to this tetrazolium dye procedure giving improved sensitivity and reliability. **Journal of Immunological Methods**, v. 89, p. 271-277, 1986.

DOI, K., KOJIMA, T., MAKINO, M., KIMURA, Y., FUJIMOTO, Y.. Studies on the constituents of the leaves of *Morus alba* L. **Chemical and Pharmaceutical Bulletin**, v. 49, p. 151–153, 2001.

DUARTE, M.C.T.; FIGUEIRA, G.M.; PEREIRA, B.; MAGALHÃES, P.M.; DELARMELINA, C. Atividade antimicrobiana de extratos hidroalcoólicos de espécies da coleção de plantas medicinais CPQBA/UNICAMP. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, supl.1, p. 6-8, 2009.

DUGO, P.; DONATO, F.; CACCIOLA, M.P.; GERMANO, A.; RAPISARDA, L. Characterization of the polyphenolic fraction of *Morus alba* leaves extracts by HPLC coupled to a hybrid IT-TOF MS system. **Journal of Separation Science**, v. 32, p. 3627–3634, 2009.

EGGIMANN, P.; GARBINO, J.; PITTET, D. Epidemiology of *Candida* species infections in critically ill non-immunosuppressed patients. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 3, p. 685-702, 2003.

EKWALL, B. Overview of the final MEIC results: II. The in vitro/in vivo evaluation, including the selection of a practical battery of cell tests for prediction of acute lethal blood concentrations in humans. **Toxicology in Vitro,** v. 13, p. 665–673, 1999.

EMIRA, N.; MEJDI, S.; DORRA, K.; AMINA, B.; EULOGIO, V. Comparison of the adhesion ability of *Candida albicans* strains to biotic and abiotic surfaces. **African Journal of Biotechnology**, v. 10, p. 977-985, 2011

FANG, S.H.; HOU, Y.C.; CHAO, P.D.L. Pharmacokinetic and pharmacodynamic interactions of morin and cyclosporin. **Toxicology and Applied Pharmacology**, v. 205, p. 65–70, 2005.

FENECH, M. The in vitro micronucleus technique. **Mutation Research**, v. 455, p. 81–95, 2000.

FERREIRA-MACHADO, S.C., et al. Genotoxic potentiality of aqueous extract prepared from *Chrysobalanus icaco* L. leaves. **Toxicology Letters,** v. 151, p. 481-487, 2004

FERRONATO, R.; MARCHESAN, E.D.; PEZENTINI, E.; BEDNARSKI, F.; ONOFRE, S.B. Atividade antimicrobiana de óleos essenciais produzidos produzidos por *Baccharis dracunculifolia* D.C e *Baccharis uncinella* D.C (Asteraceae). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 17, p. 224-230, 2007.

FIRMO, W.C.A.; MIRANDA, M.V.; COUTINHO, G.S.L.; SILVEIRA, L.M.S.; OLEA, R.S.G. Estudo fitoquímico e avaliação da atividade antibacteriana de *Lafoensia pacari* (Lythraceae). **Publicatio UEPG - Ciências Biológicas e da Saúde,** v.20, p.7-12, 2014.

GULCIN, I.; TEL, A.; KIRECCI, E. Antioxidant, Antimicrobial, Antifungal, and Antiradical Activities of *Cyclotrichium niveum* (BOISS.) Manden and Scheng. **International Journal of Food Properties**, v. 11, p. 450-471, 2008.

HARAUMA, A.; IKEYAMA, K.; KAMEI, K.; ARAI, H.; SANO, H.; MURAYAMA, T. Suppression of atherosclerosis by Mulberry leaf. **Atherosclerosis Supplements**, v. 4, p. 292–293, 2003.

HAYASHI, M. et al. The micronucleus assay using peripheral blood reticulocytes from mitomycin C and cyclophosphamide-treated rats. **Mutation Research**, v. 278, p. 209-213, 1999.

HAZEN, K.C.; HOWELL, S.A. *Candida*, *Cryptococcus*, and other yeasts of medical importance. In: MURRAY, P.R.; BARON, E.J.; JORGENSEN, J.H.; LANDRY, M. L.; PFALLER, M.A. (Eds.). **Manual of Clinical Microbiology**, vol .2. Washington, American Society for Microbiology, 2006, pp. 1762- 1788.

HERKENHOFF, B.V.G.; FERREIRA, L.G.S.; CAVEDAGNE, M., et al. Abscesso esplênico causado por *Salmonella*. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 33, p. 169-173, 2006.

HODGSON, E. In vitro human phase I metabolism of xenobiotics I: Pesticides and related compounds used in agriculture and public health. **Journal of Biochemical and Molecular Toxicology**. v. 17, p. 201–206, 2003.

HOUTGRAAF, J, H.; VERSMISSEN, J.; VAN DER GIESSEN, W. A concise review of DNA damage checkpoints and repair in mammalian cells. **Cardiovascular Revascularization Medicine**, v. 7, p. 165-172, 2006.

INCA (INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA). **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: INCA. 2013.

IWALEWA, E.O.; MCGAW, L.J.; NAIDO, O., ELOFF, J.N. Inflammation: the foundation of diseases and disorders. A review of phytomedicines of South African origin used to treat pain and inflammatory conditions. **African Journal of Biotechnology**, v. 6, p. 2868-2885, 2007.

IYER, A.K.; SINGH, A.; GANTA, S.; AMIJI, M.M. Role of integrated cancer nanomedicine in overcoming drug resistance. **Advanced Drug Delivery Reviews**, v. 65, p. 1784-1802, 2013.

JAHN, A.I.; GÜNZEL, P.K.H. The value of spermatology in male reproductive toxicology: do spermatologic examinations in fertility studies provide new and additional information relevant for safety assessment? **Reproductive Toxicology**, v. 11, p. 171-178, 1997.

JANEWAY, C.A.; TRAVERS, P.; WALPORT, M.; SHLOMCHIK, M. **Imunobiologia – O sistema imunológico na saúde e na doença**. 5ª Ed. Porto Alegre, Artmed. 2002.

KIM, J.W.; KIM, S.U.; LEE, H.S.; KIM, I.; AHN, M.Y.; RYU, K.S. Determination of 1-deoxynojirimycin in *Morus alba* L leaves by derivatization with 9-fluorenylmethyl chloroformate followed by reversed-phase high-performance liquid chromatography. **Journal of Chromatography A**, v. 1002, p. 93–99, 2003.

KIM, S.H.; KIM, N.J.; CHOI, J.S.; PARK, J.C. Determination of flavonoid by HPLC and biological activities from the leaves of *Cudrania tricuspidata* bureau. **Journal of the Korean Society of Food Science and Nutrition**, v. 22, p. 68–72, 1993.

KNAPP, S. LPS and bacterial lung inflammation models. **Drug Discovery Today: Disease Models**, vol. 6, n. 4, p. 113-118, 2009.

KUMAR, V.; ABBAS, A.K.; FAUSTO, N. **Robbins & Cotran: Patologia - Bases Patológicas das Doenças**. 7ª ed. São Paulo: Elsevier, 2005.

JOSEPH, L.J.; PATWARDHAN, U.N.; SAMUEL, A.M. Frequency of micronuclei in peripheral blood lymphocytes from subjects occupationally exposed to low levels of ionizing radiation. **Mutation Research**, v. 564, p. 83–88, 2004.

LANGMAN, L.J; KAPUR, B.M. Toxicology: Then and now. **Clinical Biochemistry**, v. 39, p. 498-510, 2006.

LEE, J.H.; BAE, S.Y.; OH, M.; KIM, K.H.; CHUNG, M.S. Antiviral effects of mulberry (*Morus alba*) juice and its fractions on foodborne viral surrogates. **Foodborne Pathogens and Disease**, v. 11, p. 224–229, 2014.

LIANG J.H.; FU, Y.W.; ZHANG, Q.Z.; XU, D.H.; WANG, B.; LIN, D.J. Identification and effect of two flavonoids from root bark of *Morus alba* against *Ichthyophthirius multifiliis* in grass carp. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 63, p. 1452–1459, 2015.

LIMA, C. P. et al. Efeito alelopático e toxicidade frente à *Artemia salina* Leach dos extratos do fruto de *Euterpe edulis* Martius. **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, p. 331-336, 2011.

LUNA, J.S.; SANTOS, A.F.; LIMA, M.R.F.; OMENA, M.C.; MENDONÇA, F.A.C.; BIEBER, L.W.; SANT'ANA, A.E.G. A study of the larvicidal and molluscicidal activities of some medicinal plants from northeast Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 97, p. 199-206, 2005.

MACRAE, W.D.; HUDSON, J.B.; TOWERS, G.H.N. Studies on the pharmacological activity of amazonian Euphorbiaceae. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 22, p. 143-72, 1998.

MCLAUGHLIN, J.M. Crown gall tumours on potato discs and brine shrimp lethality: two simple bioassays for higher plant screening and fractionation. In: HOSTETTMANN, K. (Ed.) **Methods in Plant Biochemistry.** Londres: Academic Press, 1991. pp. 1-32.

MICELI, M.H.; LEE, S.A. Emerging moulds: epidemiological trends and antifungal resistance. **Mycoses**, v. 54, p. 666-678, 2011.

MIRANDA, J. E.; BONACIN, G. A.; TAKAHASHI, R. Produção e qualidade de folhas de amoreira em função da época do ano e de colheita. **Scientia Agricola**, v. 59, p. 499-504, 2002.

MIYASAKI, Y.; RABENSTEIN, J.D.; RHEA, J., et al. Isolation and characterization of antimicrobial compounds in plant extracts against multidrug-resistant *Acinetobacter baumannii*. **PLoS ONE,** v. 8, article ID e61594, 2013.

MORITA, T. et al. Evaluation of the rodent micronucleus assay in the screening of IARC carcinogens. **Mutation Research**, v. 389, p. 3-122, 1997.

MOSMANN, T. Rapid colorimetric assay for cellular growth and survival: application to proliferation and cytotoxicity assays. **Journal of Immunological Methods**, v. 65, p. 55-63, 1983.

MURRAY, P. R. et al. **Manual of Clinical Microbiology**. 6ª ed. Washington: ASM Press, 1995.

NASCIMENTO, J. E.; MELO, A. F. M.; LIMA E SILVA, T. C.; VERAS FILHO, J.; SANTOS, E. M.; ALBUQUERQUE, U. P.; AMORIM, E. L. C. Estudo fitoquímico e bioensaio toxicológico frente a larvas de *Artemia salina* leach. de três espécies medicinais do

gênero *Phyllanthus* (Phyllanthaceae). **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 29, p. 143-148, 2008.

NOGUEIRA, J.C.; DINIZ, M.F.M.; LIMA, E.O.; LIMA, Z.N. Identification and antimicrobial susceptibility of acute external otitis microorganisms. **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, v. 74, p. 526-530, 2008.

NUCCI, M.; QUEIROZ-TELLES, F.; TOBÓN, A.M.; RESTREPO, A.; COLOMBO, A.I. Epidemiology of opportunistic fungal infections in Latin America. **Clinical Infectious Diseases** v. 51, p.561-570, 2010.

OKAMOTO, F.; RODELLA, R.A. Características morfoanatômicas e bromatológicas de folhas de amoreira em relação às preferências do bicho-da-seda. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 41, p. 195-203, 2006.

OLIVEIRA, W.A.; PEREIRA, F.O.; LUNA, G.C.D.G.; LIMA, I.O.; WANDERLEY, P.A.; LIMA, R.B.; LIMA, E.O. Antifungal activity of *Cymbopogon winterianus* Jowitt Ex Bor against *Candida albicans*. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 42, p. 433-441, 2011.

OECD (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT). **Guidelines for the Testing of Chemicals, OECD 423. Acute Oral Toxicity-Acute Toxic Class Method**. Paris: OECD, 2001.

OSTROSKY, E.A.; MIZUMOTO, M.K.; LIMA, M.E.L.; KANEKO, T.M.; NISHIKAWA, S.O.; FREITAS, B.R. Métodos para avaliação da atividade antimicrobiana e determinação da concentração mínima inibitória (CIM) de plantas medicinais. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, p. 301-307, 2008.

PAI, S.I.; LIN, Y.Y.; MACAES, B.; MENESHIAN, A.; HUNG, C.F.; WU, T.C. Prospects of RNA interference therapy for cancer. **Gene Therapy**, v. 13, p. 464–477, 2006.

PAPAS, P.G. Opportunistic fungi: a view to the future. **The American Journal of the Medical Sciences**, v. 340, p.253-257, 2010.

PATHONG, A.; KANJANAPOTHI, D.; TAESOTIKUL, T.; PHANKUMMOON, A.; PANTHONG, K.; REUTRAKUL, V. Anti-inflammatory activity of methanolic extracts of *Ventilago harmandiana* Pierre. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 91, p. 237-242, 2004.

PEREIRA, R.S.; SUMITA, T.C.; FURLAN, M.R.; JORGE, A.O.C.; UENO, M. Atividade antibacteriana de óleos essenciais em cepas isoladas de infecção urinária. **Revista de Saúde Pública**, v. 38, p. 326-328, 2004.

PHILLIPSON, M.; KUBES, P. The neutrophil in vascular inflammation. **Nature Medicine**, v. 17, p. 1381-1390, 2011

PIAO, S.-J.; CHEN, L.-X.; KANG, N.; QIU, F. Simultaneous determination of five characteristic stilbene glycosides in root bark of *Morus albus* L. (Cortex Mori) using high-performance liquid chromatography. **Phytochemical Analysis**, v. 22, p. 230–235, 2011.

PIATO, S. **Tratado de Ginecologia**. São Paulo: Editora Artes Médicas Ltda, 1997..

RABELLO-GAY, M.N. **Genética Toxicológica: Bases e Metas**. Instituto Butantan, São Paulo, 1991.

RANKIN, J.A. Biological mediators of acute inflammation. **AACN Clinical Issues**, v.15, p. 3-17, 2004.

RATES, S.M.K. Plants as source of drugs. **Toxicon**, v. 39, p. 603-613, 2001.

REBOREDO, M. M.; LUCINDA, L. M.F.; ROCHA, C. B; QUEIROZ, G. T.; FARIA, V. C.; VIEIRA, V. A. Avaliação da toxicidade do extrato aquoso de *Caesalpinia ferrea* em órgãos vitais, no sistema reprodutor e na produção de espermatozóides de ratos Wistar submetidos a tratamento subagudo. **Boletim do Centro de Biologia da Reprodução,** v. 26, p. 11-17, 2007.

RIBEIRO, L. R.; SALVADORI, D. M.; MARQUES, E. K. **Mutagênese Ambiental**. Canoas: Editora da ULBRA, p.355, 2003.

RIBEIRO, S.S. et al. Evaluation of the cytotoxic activity of some Brazilian medicinal plants. **Planta Medica**, v. 78, p. 1601-1606, 2012.

RÍOS, J. L. Effects of triterpenes on the immune system. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 128, p. 1-14, 2010.

ROBINSON, M.M.; ZHANG, X. **The world medicines situation traditional medicines: global situation, issues and challenges**. Geneva: World Health Organization, 2011.

SAAD, B. Safety of traditional Arab herbal medicine. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 3, p. 433-439, 2006.

SAHPAZ, S.; BORIES, C.H.; LOISEAU, P.M.; CORTÈS, D.; HOCQUEMILLER, R.; LAURENS, A.; CAVÉ, A. Cytotoxic and antiparasitic activity from *Annona senegalensis* seeds. **Planta Medica**, v. 60, p. 538-540, 1994.

SANCHEZ, M. D. Potential and effective degradation of Mulberry clones in goats. **Animal Production and Health Paper**, v. 147, p. 213-217, 2002.

SANTOS, N.S.J.; DRAIBE, S.A.; KAMINURA, M.A.; CUPPARI, L. Serum albumin as nutritional marker of hemodialysis patients. **Revista de Nutrição**, v. 17, p. 339-349, 2004.

SAVIOLLI, J. Y. **Pesquisa e caracterização de *Escherichia coli* patogênica (*E. coli* produtora de toxina Shiga – STEC; *E. coli* aviária patogênica – APEC) de fragatas (*Fregata magnificens*) da Costa do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Patologia Experimental e Comparada), Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de São Paulo; São Paulo, 2010.

SBMCTA. Sociedade Brasileira de Mutagênese, Carcinogênese e Teratogênese Ambiental. Teste do micronúcleo em medula óssea de camundongo. Disponível em: http://www.sbmcta.org.index.php?arq=doc01. Acesso em 25/07/2015.

SCHIJFFELEN M.J.; BOEL, C.H.; STRIJP, J.A.; FLUIT, A. C. Whole genome analysis of a livestock-associated methicillin-resistant *Staphylococcus aureus* ST398 isolate from a case of human endocarditis. **BMC Genomics**, v. 11, artigo 376, 2010.

SCORZONI, L.; BENADUCCI, T.; ALMEIDA, A.M.F.; SILVA, D.H.S.; BOLZONI, V.S.; MENDES-GIANNINI, M.J.S. Comparative study of disk difusion and microdilution methods for evaluation of antifungal activity of natural compounds against medical yeasts *Candida* spp. and *Cryptococcus* spp. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 28, p. 25-34, 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO. Coordenadoria de Controle de Doenças. Centro de Vigilância Epidemiológica (CVE) "Prof. Alexandre Vranjac". Divisão de Infecção Hospitalar. Vigilância Epidemiológica das Infecções Hospitalares no Estado de São Paulo Dados 2004. BEPA 2006. Supl. 3(3): 1-121. Disponível em: ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/ih/ih_dados04.pdf

SEDGWICK, A. D.; LEES, P. A. A comparison of air pouch, sponge and pleurisy models of acute carrageenan inflammation in the rat. **Agents and Actions**.,v. 18, p .439-446. 1986.

SEO, K. H.; LEE, D.Y.; JEONG, R.H., et al. Neuroprotective effect of prenylated arylbenzofuran and flavonoids from Morus alba fruits on glutamateinduced oxidative injury in HT22 hippocampal cells. **Journal of Medicinal Food**, v. 18, p. 403–408, 2015.

SHAW, D. Toxicological Risks of Chinese Herbs. **Planta Medica,** v. 76, p. 2012-2018, 2010.

SHOHAM, S.; LEVITZ, S.M. The immune response to fungal infections. **Brazilian Journal of Haematology**, v. 129, p. 569-582, 2005.

SILVA, N.C.C. **Estudo comparativo da ação antimicrobiana de extratos e óleos essenciais de plantas medicinais e sinergismo com drogas antimicrobianas**. Dissertação (Mestrado em Biologia Geral e Aplicada). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, São Paulo - Botucatu, 2010.

SILVEIRA, P.F. 2007. **Perfil de utilização e monitorização de reações adversas a fitoterápicos do Programa Farmácia Viva em uma Unidade Básica de Saúde de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas). Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará.

SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. **Farmacognosia: Da Planta ao Medicamento**. 6ª ed. Porto Alegre/Florianópolis: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Da Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SOLEDADE, C. S. (2008). **O efeito do DMA (composto quinazolinico) sobre o processo inflamatório**. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. UNICAMP. Programa de Pós-Graduação em Clínica Médica. Campinas/SP

SZABO, G.; VELAYUDHAM, A.; ROMICS, L.J.R, MANDREKAR, P. Modulation of non-alcoholic steatohepatitis by pattern recognition receptors in mice: the role of toll-like receptors 2 and 4. **Alcoholism: Clinical and Experimental Research**, v. 29, p. 140S–145S, 2005.

TAGLIATI, C.A. et al. Acute and chronic toxicological studies of the Brazilian phytopharmaceutical product Ierobina®. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, p. 676-682, 2008.

TOSHIO F; KIYOSHI, K; SUMIO, T. Antimicrobial activity of 2-arylbenzofurans from *Morus* species against methicillin-resistant Staphylococcus aureus. **Fitoterapia**, v. 76, p. 708-711, 2005.

TUROLLA, M.S.R. **Avaliação dos aspectos toxicológicos dos fitoterápicos: um estudo comparativo**. Dissertação (Mestrado em Farmácia). Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VAJJA, B.N.L.; JULURI, S.; KUMARI, M.; KOLE, L.; CHAKRABARTI, R.; JOSHI,V., D. Lipopolysaccharide – induced paw edema model for detection of cytokine modulating anti-inflammatory agents. **International Immunopharmacology**, v. 4, p. 901-909, 2004.

VEIGA-JUNIOR, V.F.; PINTO, A.C; MACIEL, M.A.M. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**. v. 28, p. 519-528, 2005.

VENSON, R.; WIENS, A.; CORRER, C. J.; OTUKI, M. F.; GROCHOCKI, M. C.; PONTAROLLI, D. R. S.; PONTAROLO, R. Avaliação econômica das anticitocinas adalimumabe, etanercepte e infliximabe no tratamento da artrite reumatoide no Estado do Paraná. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 21, p. 359-376, 2011.

VERONESI, F. **Tratado de Infectologia**, vol. 2 4ª ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

VIDIGAL, P.G.; SVIDZINSKI, T.I.E. Leveduras nos tratos urinário e respiratório: infecção fúngica ou não? **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina** Laboratorial, v. 45, p. 55-64, 2009.

WAHNSCHAFFE, U.; BITSCH, A.; KIELHORN, J.; MANGELSDORF, I. Mutagenicity testing with transgenic mice. Part I: Comparison with the mouse bone marrow micronucleus test. **Journal of** Carcinogenesis v. 4, artigo 3, 2005

WAKSMUNDZKA-HAJNOS, M.; SHERMA, J.; KOWALSKA, T. Thin layer Chromatography in Phytochemistry. **Chromatographic Science Series**. v. 99; 2008.

WANG, J.; WU, F. A.; ZHAO, H.; LIU, L.; WU, Q. S. Isolation of flavonoids from mulberry (*Morus alba* L.) leaves with macroporous resins. **African Journal of Biotechnology**, v. 7, p. 2147-2155, 2008.

WANG, Q.; KUANG, H.; SU, Y.; SUN, Y.; FENG, J.; GUO, R.; CHAN, K. Naturally derived anti-inflammatory compounds from Chinese medicinal plants. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 46, p. 9-39, 2012.

WANG, W.; ZU, Y.; FU, Y.; EFFERTH, T. In vitro antioxidant and antimicrobial activity of extracts from *Morus alba* L. leaves, stems and fruits. **The American Journal of Chinese Medicine**, v. 40, pp. 349–356, 2012.

YIMAM, M.; LEE, Y.C.; KIM, T.W., et al. UP3005, a botanical composition containing two standardized extracts of *Uncaria gambir* and *Morus alba*, improves pain sensitivity and cartilage degradations in monosodium iodoacetate-induced rat OA disease model. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2015, article ID 785638, 2015.

ZANI, C.L.; CHAVES, P.P.G.; QUEIROZ, R.; MENDES, N.M.; OLIVEIRA, A.B.; CARDOSO, J.E.; ANJOS, A.M.G.; GRANDI, T.S. Brine shrimp lethality assay as a prescreening system for anti-*Trypanosoma cruzi* activity. **Phytomedicine**, v. 2, p. 47-50, 1995

ZENI, A.L.B.; DALL'MOLIN, M. Hypotriglyceridemic effect of *Morus alba* L., Moraceae, leaves in hyperlipidemic rats. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, p. 130-133, 2010.

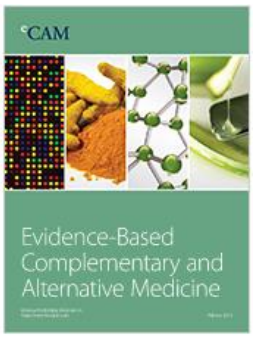
ZHANG, C. The role of inflammatory cytokines in endothelial dysfunction. **Basic Research in Cardiology**, v. 103, p. 398-406, 2008.

5. ARTIGO 1

Evaluation of toxicity and antimicrobial activity of an ethanolic extract from leaves of *Morus alba* L. (Moraceae)

ARTIGO PUBLICADO NO PERIÓDICO
"Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine"

(Volume 2015, Article ID 513978, 7 pages, 2015)



Fator de impacto: 1.880

Hindawi Publishing Corporation
Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine
Volume 2015, Article ID 513978, 7 pages
http://dx.doi.org/10.1155/2015/513978

Research Article

Evaluation of Toxicity and Antimicrobial Activity of an Ethanolic Extract from Leaves of *Morus alba* L. (Moraceae)

Alisson Macário de Oliveira,[1,2] Matheus da Silva Mesquita,[2] Gabriela Cavalcante da Silva,[2] Edeltrudes de Oliveira Lima,[3] Paloma Lys de Medeiros,[4] Patrícia Maria Guedes Paiva,[1] Ivone Antônia de Souza,[2] and Thiago Henrique Napoleão[1]

[1] *Departamento de Bioquímica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife, PE, Brazil*
[2] *Laboratório de Farmacologia e Cancerologia Experimental, Departamento de Antibióticos, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife, PE, Brazil*
[3] *Laboratório de Micologia, Departamento de Ciências Farmacêuticas, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, 58059-900 João Pessoa, PB, Brazil*
[4] *Departamento de Histologia e Embriologia, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife, PE, Brazil*

Correspondence should be addressed to Thiago Henrique Napoleão; thiagohn86@yahoo.com.br

Received 4 May 2015; Accepted 28 June 2015

Academic Editor: Ilaria Lampronti

This work evaluated an ethanolic extract from *Morus alba* leaves for toxicity to *Artemia salina*, oral toxicity to mice, and antimicrobial activity. Phytochemical analysis revealed the presence of coumarins, flavonoids, tannins, and triterpenes in the extract, which did not show toxicity to *A. salina* nauplii. No mortality and behavioral alterations were detected for mice treated with the extract (300 and 2000 mg/kg b.w.) for 14 days. However, animals that received the highest dose showed reduced MCV and MCHC as well as increased serum alkaline phosphatase activity. In treatments with the extract at both 300 and 2000 mg/kg, there was a reduction in number of leukocytes, with decrease in percentage of lymphocytes and increase in proportion of segmented cells. Histopathological analysis of organs from mice treated with the extract at 2000 mg/kg revealed turgidity of contorted tubules in kidneys, presence of leukocyte infiltration around the liver centrilobular vein, and high dispersion of the spleen white pulp. The extract showed antimicrobial activity against *Staphylococcus aureus, Pseudomonas aeruginosa, Candida albicans, Candida krusei, Candida tropicalis*, and *Aspergillus flavus*. In conclusion, the extract contains antimicrobial agents and was not lethal for mice when ingested; however, its use requires caution because it promoted biochemical, hematological, and histopathological alterations.

1. Introduction

The use of plants as therapeutic tools is based on the popular culture and plant preparations are continually used by people, despite the large number of synthetic drugs developed. This has been mainly associated with the higher costs of allopathic medicines and a limited access of population to them, especially in developing countries where most of the people depend essentially on natural resources to address problems related to diseases of primary care [1]. The relevance of medicinal plants over the centuries has stimulated the search for scientifically proven information on their efficacy and safety for humans [2–4].

Morus genus (Moraceae) comprises a group of trees native from Asia, popularly known as mulberries, and with a great importance in folk medicine. In China, the leaves, roots, and branches of *Morus* species are used for treatment of fevers, hepatic protection, vision improvement, strengthening of joints, and reduction of blood pressure [5–7]. The leaves of different mulberries are consumed in Korea and Japan as a nutraceutical food and used for controlling blood glucose levels; this last property is attributed to the

presence of the compound 1-deoxynojirimycin, a potent α-glucosidase inhibitor [8]. Fukai et al. [9] isolated from *Morus* species a substance deemed chalcomoracin, which showed antimicrobial activity against methicillin-resistant *Staphylococcus aureus*. Dai et al. [10] isolated three compounds from *Morus macroura* bark, called guangsangon H, guangsangon I, and guangsangon J, which showed anti-inflammatory and antioxidant activities.

The pharmacological potential of the species *Morus alba* L. (white mulberry), for benefit of animals and humans, has been investigated. Flavonoids from root showed antiparasitic activity against *Ichthyophthirius multifiliis*, a parasite of gills and skin of freshwater fishes [11] and it was reported that a methanolic extract from the plant foliage might be used as a dietary supplement in order to alleviate *Aeromonas hydrophila* infection in catfish *Clarias gariepinus* [12]. Diels-Alder adducts and prenylated flavanones isolated from the root bark of *M. alba* showed cytotoxic activity against human tumor cells [13]. In another study, a composition containing a blend of standardized extracts from *Uncaria gambir* leaves and *M. alba* root bark was reported to be useful as an alternative therapy for alleviating osteoarthritis and its associated symptoms [14]. Kim et al. [15] reported that extracts from *M. alba* leaves and fruits were able to reduce cognitive deficits in mice induced by the high-fat diet. Other reports mention antioxidant, antibacterial, antiviral, and neuroprotective activities from extracts and isolated compounds from fruits, leaves, stem, and root of *M. alba* [16–20].

In face of the several reports on the medicinal properties of *M. alba* leaves, we investigated in this work the toxicity of an ethanolic extract from this tissue by using two models: *Artemia salina* lethality assay and assessment of *in vivo* oral toxicity to mice. In the last, biochemical, hematological, and histopathological analyses were also performed. In addition, it reports the phytochemical composition of the extract and the evaluation of its antimicrobial activity against pathogens with medical relevance.

2. Materials and Methods

2.1. Plant Material. Leaves of *M. alba* were collected in Petrolina city, Pernambuco, northeast Brazil. Taxonomic identification was performed and a voucher specimen (number 88372) is deposited in the herbarium of the *Instituto Agronômico de Pernambuco*, Recife, Brazil.

2.2. Extract Preparation. The ethanolic extract was chosen for this study because this solvent is able to dissolve both polar and nonpolar substances, including a variety of plant-derived compounds. The leaves were washed with distilled water and dried at 28°C during 24 h and next in an oven at 45°C for 15 days; subsequently, the leaves were powdered. The leaf powder (180 g) was mixed with 70% (v/v) ethanol in distilled water and the mixture was allowed to rest for 48 h, followed by mechanical agitation for 48 h using an orbital shaker. The extract was filtered and the solvent was removed using a rotary evaporator.

Table 1: Phytochemical screening of ethanolic extract from *Morus alba* leaves through thin layer chromatography.

Compound classes	Revealer	Result
Alkaloids	Dragendorff's reagent	Negative
Anthraquinones	KOH	Negative
Coumarins	KOH	Positive
Steroids	Liebermann-Burchard	Negative
Flavonoids	Aluminum chloride	Positive
Tannins	Iron (III) chloride	Positive for condensed tannins
Triterpenes	Liebermann-Burchard	Positive

2.3. Phytochemical Screening. The extract was evaluated for the presence of coumarins, flavonoids, tannins, steroids, alkaloids, anthraquinones, and triterpenes by thin layer chromatography (TLC). The assays were performed using the revealers listed in Table 1 and following the instructions described by Markhan [21], Wagner and Bladt [22], and Abreu [23].

2.4. Toxicity to Artemia salina. The assay was performed according to Meyer et al. [24] using *A. salina* cysts purchased from San Francisco Bay Brand, Inc. (USA). First, an artificial saline solution (3.8%, w/v) was prepared using sea salt (Marinex, Brazil) and distilled water. In each assay, 10 nauplii were added to extract solutions at different concentrations (100–1,000 μg/mL) prepared by diluting the extract in 10 mL of the artificial saline solution. In controls, the nauplii were incubated with the saline solution. Each concentration was tested in triplicate and three independent experiments were performed. The assays were maintained under artificial lighting for 24 h at 27 ± 2°C. After this period, the mortality rates were determined.

2.5. Oral Toxicity Assay. The experiments were performed using female Swiss mice (*Mus musculus*) weighing 38–50 g and reared in the vivarium of the *Laboratório de Farmacologia e Cancerologia Experimental* of the *Universidade Federal de Pernambuco*. The animals are maintained at temperature of 21 ± 1°C, 12L : 12D photoperiod and it is given *ad libitum* access to food (Purina) and water. The experimental procedures were approved by Animal Ethics Committee of the *Universidade Federal de Pernambuco* (process number 23076.061132/2014-33).

The dried extract was dissolved in 0.9% (w/v) NaCl [25] and acute toxicity (mortality and behavioral alterations) was evaluated by oral administration. The mice were separated in three groups ($n = 3$ for each group), according to the instructions of the Organization for Economic Cooperation and Development [26]: control group, which received saline solution (vehicle), and two test groups, which received the extract at 300 mg/kg and 2000 mg/kg b.w. The mice were observed during 14 days.

2.6. Biochemical and Hematological Analyses. At the end of oral toxicity assays, the blood of animals was collected and the following biochemical parameters were evaluated: total protein, albumin, alanine aminotransferase (ALT), aspartate aminotransferase (AST), alkaline phosphate, gamma-glutamyl transferase (GGT), urea, and creatinine, using specific kits (Labtest Diagnóstica, Lagoa Santa, Brazil) and a COBAS Mira Plus analyzer (Roche Diagnostics Systems, Basel, Switzerland). Hematologic analysis was performed using an automatic analyzer (Animal Blood Counter: ABC Vet, Montpellier, France) and optical microscopy; the parameters evaluated were as follows: erythrocytes, hemoglobin, hematocrit, mean corpuscular volume (MCV), mean corpuscular hemoglobin (MCH), mean corpuscular hemoglobin concentration (MCHC), and total and differentiated analysis of leukocytes.

2.7. Histopathological Analysis. Histological analyses of liver, kidney, and spleen of animals from control and extract treatments were performed by optical microscopy. Fragments of the organs were fixed in buffered formalin (10%, v/v) and then dehydrated through a graded ethanol series (70–100%), diaphonized in xylol, and embedded in paraffin. Histological sections (5 μm) were stained with hematoxylin-eosin and mounted using cover slips with Entellan resin (Merck, Germany) [27]. The materials were observed under a Motic BA200 microscopy coupled to a Moticam 1000 1.3 MP digital camera (Motic Incorporation Ltd., Causeway Bay, Hong Kong).

2.8. Antimicrobial Activity. The extract was evaluated for antibacterial activity against three strains of *Staphylococcus aureus* (ATCC-13150, M-177, and LM-197) and two strains of *Pseudomonas aeruginosa* (ATCC-9027 and P-03). Antifungal activity was evaluated against strains of *Candida albicans* (ATCC-76645 and LM-106), *Candida tropicalis* (ATCC-13803 and LM-6), *Candida krusei* (LM-656 and LM-978), *Aspergillus flavus* (LM-118), and *Aspergillus niger* (LM-108). Bacterial suspensions were prepared in Nutrient Broth (Difco Laboratories, France) and fungal suspensions in RPMI 1640 medium (Acumedia, India). The suspensions were standardized for 10^6 colony-forming units (CFU) per mL using a Leitz-Photometer 340–800 spectrophotometer.

The assays for determination of the minimal inhibitory concentrations (MIC) were performed in U-bottom 96-well microplates. In an assay, each plate well received 100 μL of Nutrient Broth (for bacteria) or RPMI medium (for yeasts and filamentous fungi). Next, 100 μL of the extract, dissolved in distilled water, was added in the wells of the first column of the plate and then a two-fold serial dilution was performed in each row to reach extract concentrations ranging from 32 to 1,024 μg/mL. Finally, 10 μL of microorganism suspension was added to each well. A 100% growth control was done in absence of the extract and positive controls were performed using chloramphenicol (100 μg/mL) for bacteria as well as nystatin (100 IU) and fluconazole (100 μg/mL) for fungi. The plates were incubated for 24 h at 35°C in assays with bacteria and yeasts or for 7–10 days at 28°C in assays with filamentous fungi. After 24 h, bacterial growth was revealed by addition of 20 μL of 0.01% (w/v) resazurin (Inlab Confiança, São Paulo, Brazil); a change in color from blue to red was indicative of microbial growth and thus the MIC was recorded as the lowest extract concentration at which there was no color change [28]. For the fungi, the MIC was defined as the lowest concentration able to inhibit the visual growth in comparison with the 100% growth control. Each antimicrobial assay was performed in duplicate and repeated three times. The antimicrobial activity of the extract was classified according to MIC values as follows: 50–500 μg/mL = strong activity; 600–1500 μg/mL = moderate activity; and >1500 μg/mL = weak activity or inactive [29].

2.9. Statistical Analysis. The data were expressed as mean ± SD and submitted to one-way ANOVA followed by Bonferroni's test, with significance level at $p < 0.05$.

3. Results and Discussion

Health treatments using medicinal plants are the less expensive and more accessible to the population, mainly in developing countries. However, the indiscriminate use of plant preparations or products with doubtful constitution and without rigorous standardization may pose a risk due to the toxicity of some plant compounds to human organism. For this reason, studies that evaluated the side effects and toxicity degree of preparations and compounds from medicinal plants are imperative. Within this context, this work evaluated the toxicity of an ethanolic extract from leaves of *M. alba*, a plant whose tissues have been extensively used with medicinal purposes, including as commercial formulations.

The phytochemical screening of the extract revealed the presence of coumarins, flavonoids, tannins, and triterpenes (Table 1). Toxicity of the extract was firstly evaluated using the microcrustacean *A. salina*, which is often used as a preliminary indicator of general toxicity of plant compounds; also, it is reported that toxicity to *A. salina* has a correlation with possible antitumor activity [30, 31]. The results showed that the extract had no toxicity at all the tested concentrations, suggesting that it does not have a general toxicity.

In the oral toxicity assays, the groups of mice from control and extract treatments at both 300 and 2000 mg/kg b.w. did not show alterations in behavioral signals during the 14 days of experiments. However, the hematological analysis (Table 2) demonstrated significant ($p < 0.05$) reductions in MCV and MCHC in animals treated with the extract at 2000 mg/kg, in comparison with control; MCHC was also lower than control in treatment at 300 mg/kg. This result indicates that components of the *M. alba* extract may be acting on the erythrocytes causing a reduction of hemoglobin content and may be interfering with the hematopoiesis, causing the production of cells with lower volume. It has been reported that plant secondary metabolites may act directly on erythrocytes interfering with the integrity of plasma membrane and then causing shrinkage, reduction in hemoglobin content, and even destruction of the cells [32].

Table 2: Hematological parameters of animals from control group and treated with ethanolic extract of *Morus alba* leaves for 14 days.

Parameter	Control	Extract	
		300 mg/kg b.w.	2000 mg/kg b.w.
Erythrocytes (10^6/mm^3)	7.05 ± 0.39	7.84 ± 0.58	6.82 ± 0.51
Hematocrit (%)	39.95 ± 0.21	41.47 ± 2.41	36.50 ± 4.95
Hemoglobin (g/dL)	17.35 ± 1.20	15.62 ± 1.05	16.00 ± 1.41
MCV (fL)	64.00 ± 5.00	64.33 ± 5.03$^{\Delta}$	50.00 ± 1.00$^{*\Delta}$
MCH (pg)	26.97 ± 1.91	24.80 ± 0.85	21.20 ± 4.53
MCHC (%)	38.20 ± 1.01	32.67 ± 0.85*	32.20 ± 2.01*
Leukocytes (10^3/mm^3)	8.26 ± 0.43	9.57 ± 0.66$^{\Delta}$	6.81 ± 0.27$^{*\Delta}$
Segmented (%)	22.68 ± 1.16	43.90 ± 3.41$^{*\Delta}$	55.71 ± 3.12$^{*\Delta}$
Lymphocytes (%)	58.88 ± 1.70	42.39 ± 2.57$^{*\Delta}$	29.65 ± 0.92$^{*\Delta}$
Monocytes (%)	18.44 ± 3.55	13.71 ± 1.35	14.61 ± 0.64

*Significantly different ($p < 0.05$) from control treatment. $^{\Delta}$Significantly different ($p < 0.05$) from the other dose of *M. alba* leaf extract. MCV: mean corpuscular volume; MCH: mean corpuscular hemoglobin; MCHC: mean corpuscular hemoglobin concentration.

Table 3: Biochemical parameters of blood of animals from control and treatments with the ethanolic extract from *Morus alba* leaves for 14 days.

Parameters	Control	Extract	
		300 mg/kg b.w.	2000 mg/kg b.w.
Albumin (g/dL)	2.14 ± 0.17	1.92 ± 0.13	2.25 ± 0.25
ALT (U/L)	78.50 ± 2.12	80.3 ± 8.02$^{\Delta}$	66.33 ± 4.73$^{*\Delta}$
AST (U/L)	147.50 ± 4.95	149.67 ± 6.81	149.33 ± 5.03
Total protein (g/dL)	6.16 ± 0.23	6.09 ± 0.35	6.13 ± 0.17
Alkaline phosphatase (IU/L)	14.00 ± 1.0	12.33 ± 2.52$^{\Delta}$	37.00 ± 2.65$^{*\Delta}$
GGT (U/L)	11.00 ± 1.41	12.67 ± 1.15	14.00 ± 1.50
Urea (mg/dL)	54.33 ± 4.93	50.33 ± 1.53	53.33 ± 2.08
Creatinine (mg/dL)	0.28 ± 0.02	0.28 ± 0.02	0.30 ± 0.04

*Significantly different ($p < 0.05$) from control treatment. $^{\Delta}$Significantly different ($p < 0.05$) from the other dose of *M. alba* leaf extract.

Table 2 also shows that the number of leukocytes in animals treated with the extract at 2000 mg/kg was significantly lower ($p < 0.05$) than in control animals, having observed a reduction in the proportion of lymphocytes but an increase of segmented leukocytes. At the dose of 300 mg/kg, the extract of *M. alba* also decreased the proportion of lymphocytes and increased the percentage of segmented leukocytes, although the number of total leukocytes was not altered. A possible explanation is that compounds of the extract resulted in a drastic decrease of blood lymphocytes, which stimulated the production of new leukocytes, leading to the increase in proportion of segmented cells. In summary, these results constitute an indication that this extract has an important effect on the immune cells.

Biochemical analysis (Table 3) revealed significant ($p < 0.05$) alterations in the serum levels of the enzymes ALT and alkaline phosphatase in animals that received the extract at 2000 mg/kg, in comparison with control. The group treated with the dose 300 mg/kg did not show significant ($p > 0.05$) variations. Since damage of liver cells usually results in a release of several types of enzymes, we can infer that the *M. alba* extract did not cause strong impairment of hepatocytes membrane. Indeed, no alterations or a decrease only of ALT levels, which is a more specific marker for damage to liver cells, has been interpreted as a signal of stability of the membranes of these cells [33]. An increase only in alkaline phosphatase level is usually indicative of obstruction of bile flow [4] and it is possible that the *M. alba* extract is acting at this level and not by disturbing the membrane of hepatocytes. The levels of GGT, which is a more specific marker for hepatic damage [34], were similar in all groups, corroborating that the *M. alba* extract did not exert hepatotoxic effect.

Table 4: Evaluation of food and water consumption and weight gain of animals from control and treated with the ethanolic extract from leaves of *Morus alba*.

Parameter	Control	Extract	
		300 mg/kg b.w.	2000 mg/kg b.w.
Water consumed (mL)	35.00 ± 1.05	34.82 ± 1.68	34.29 ± 1.27
Food consumed (g)	28.68 ± 1.23	28.13 ± 1.00	27.09 ± 1.28
Weight gain (g)	12.04 ± 0.79	11.98 ± 0.49	12.00 ± 0.38

No differences in food and water consumption were detected between the groups as well as regarding the biomass gain (Table 4). The results from oral toxicity evaluation

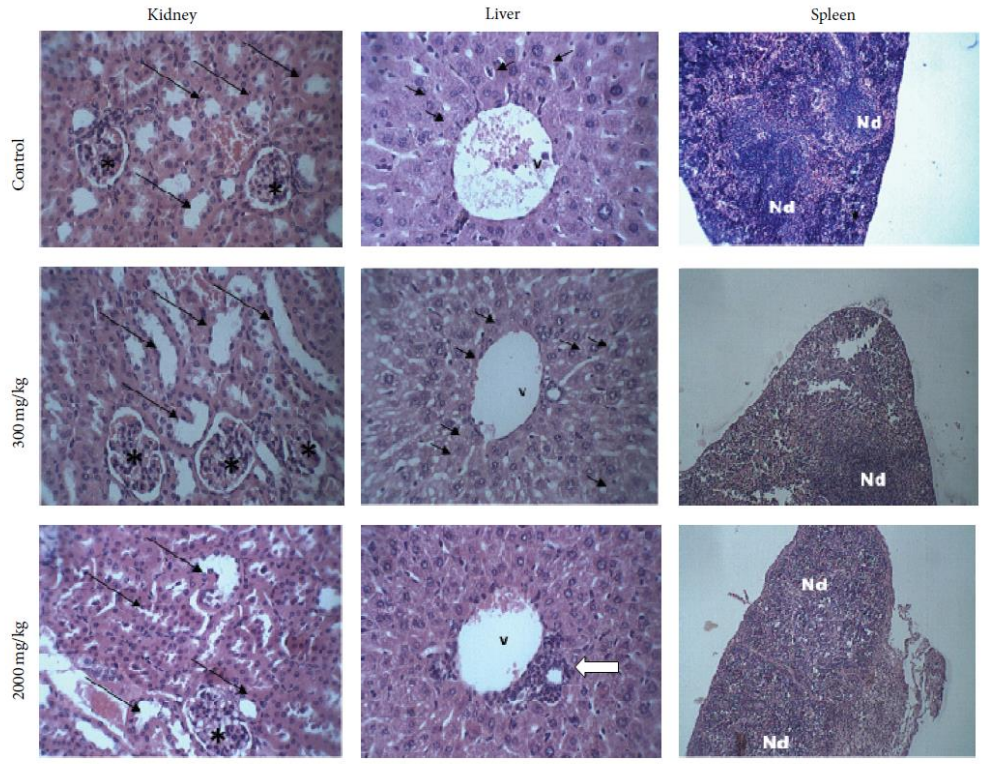


FIGURE 1: Histopathological analysis of kidneys, livers, and spleens of mice from control and treatments with the ethanolic extract from *Morus alba* leaves at 300 and 2000 mg/kg b.w. Kidneys: in control and treatment with 300 mg/kg, the cortical region with the renal glomeruli (∗) and contorted tubules (arrows) without alterations can be seen. In treatment with 2000 mg/kg, a reduction of the subcapsular space and turgid contorted tubules (arrows) is observed. Livers: photomicrography from control treatment shows the centrilobular vein (v) and a preserved organization of the hepatocytes bundles. In the image from treatment with 300 mg/kg, reversible-type cytoplasm vacuolizations (arrows) can be seen while the photomicrograph of an animal that received 2000 mg/kg of extract shows a lymphocyte infiltration around the centrilobular vein (white arrow). Spleens: in control, the well-delimited lymphatic nodes (Nd) can be noticed, while, in images for treatments with 300 and 2000 mg/kg, there is an expansion of lymphatic node (Nd) in the white pulp. All sections were stained with hematoxylin/eosin. Kidney and liver images: 400x. Spleen images: 100x.

indicated that the ethanolic extract from leaves of *M. alba* has low toxicity, since no death was observed even in assays at 2000 mg/kg dose [26]. However, the alterations found in hematological and biochemical analyses stimulated us to perform a histopathological study of the livers, kidneys, and spleens of the animals, since damage to these organs may be linked to the changes detected [35].

Photomicrographs obtained in the histopathological analysis are showed in Figure 1. The structure of the organs was preserved in control animals while a slight presence of reversible-type vacuolization was observed in hepatocytes of animals treated with the extract at 300 mg/kg. On the other hand, all the organs from animals that received the extract at 2000 mg/kg showed alterations. The kidneys showed a decreasing of the subcapsular space and turgidity of the contorted tubules. In the livers, the presence of leukocyte infiltration around the centrilobular vein was detected, which can be associated with intracellular lesions. A high dispersion of the spleen white pulp was also observed, which is a region of lymphatic tissue containing B and T lymphocytes; this can explain the reduction in the number of lymphocytes recorded in hematological analysis.

The ethanolic extract of *M. alba* leaves can be considered more toxic than an ethanolic extract from *Ocimum sanctum* leaves, which did not promote mortality at 200, 600, and 2000 mg/kg in 14 days and did not affect water consumption, body weight, and hematological and biochemical parameters. In addition, there were no alterations in the structure of liver, kidney, and spleen of mice treated with the *O. sanctum* extract at a dose of 800 mg/kg [36]. On the other hand, a leaf extract from *Lawsonia inermis* showed higher toxicity than the *M. alba* extract since it promoted pathological changes in liver

Table 5: Minimal inhibitory concentrations (MIC) of ethanolic extract from *Morus alba* leaves against bacteria and fungi.

Microbial strain	MIC (μg/mL)
Staphylococcus aureus ATCC-13150	512
Staphylococcus aureus M-177	1,024
Pseudomonas aeruginosa ATCC-9027	1,024
Pseudomonas aeruginosa ATCC-P-03	1,024
Candida albicans ATCC-76645	1,024
Candida albicans LM-106	256
Candida tropicalis ATCC-13083	512
Candida tropicalis LM-6	1,024
Candida krusei LM-656	512
Candida krusei LM-978	512
Aspergillus flavus KM-714	512
Aspergillus niger LM-108	NI

NI: no inhibition.

and kidney of rats at a dose of 1000 mg/kg, with signals of degenerative/apoptotic changes [37].

Coumarins are known for their hepatotoxicity and have been reported to be toxic to mice and rats, including being able to increase the incidence of adenomas and carcinomas in lungs of rats [38, 39]. Thus, this class of compounds may be involved in the alterations promoted by *M. alba* extract in oral toxicity assays. On the other hand, flavonoids are known to exert hepatoprotective and antioxidant effects [40] and thus may counterbalance the effects of potentially toxic compounds in the extract.

Among the several applications described for *Morus* plants, there is the use for combating infections caused by bacteria and fungi. The increase in the number of microbial strains resistant to the mostly used antibiotics has stimulated the search for new antimicrobial agents, especially those with natural origin [41]. In this way, we evaluated the antimicrobial activity of the ethanolic extract from *M. alba* leaves against bacteria and fungi with medical relevance. The results are summarized in Table 5 and show that the extract presented a strong activity (MIC of 256 μg/mL) against *C. albicans* LM-106 and moderate antimicrobial activity on the other strains, except *A. niger*, which was not sensitive to the extract. The bacterium most sensitive to the extract was *S. aureus* ATCC-13150. The strains *C. albicans* ATCC-76645, *C. albicans* LM-106, and *C. krusei* LM-656 were resistant to the positive controls used.

4. Conclusions

Ethanolic extract of *M. alba* leaves showed low oral toxicity to mice since no animal death was detected at a dose of 2000 mg/kg. However, the extract promoted biochemical, hematological, and histopathological alterations at this dose, which indicates that caution is required regarding its use. At 300 mg/kg, the extract did not show toxicity or cause irreversible cellular damages but altered the proportion of leukocyte types. The extract showed mainly moderate activity against the microbial pathogens evaluated.

Conflict of Interests

The authors declare that there is no conflict of interests regarding the publication of this paper.

Acknowledgments

The authors express their gratitude to the *Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco* (FACEPE; APQ-0108-2.08/14), the *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq; 472546/2012-0; 446902/2014-4) and the *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) for financial support. Patrícia Maria Guedes Paiva thanks CNPq for investigator research grant. Alisson Macário de Oliveira thanks CAPES for graduate scholarship.

References

[1] World Health Organization, *WHO Traditional Medicine Strategy: 2014–2023*, World Health Organization, Geneva, Switzerland, 2013.

[2] K. O. Soetan and O. O. Aiyelaagbe, "The need for bioactivity-safety evaluation and conservation of medicinal plants—a review," *Journal of Medicinal Plants Research*, vol. 3, no. 5, pp. 324–328, 2009.

[3] D. G. I. Teles and M. M. Costa, "Estudo da ação antimicrobiana conjunta de extratos aquosos de Tansagem (*Plantago major* L., Plantaginaceae) e Romã (*Punica granatum* L., Punicaceae) e interferência dos mesmos na ação da amoxicilina *in vitro*," *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, vol. 16, no. 2, pp. 323–328, 2014.

[4] A. O. T. Ashafa and M. I. Kazeem, "Toxicopathological evaluation of hydroethanol extract of *Dianthus basuticus* in Wistar rats," *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*. In press.

[5] J. Zhishen, T. Mengcheng, and W. Jianming, "The determination of flavonoid contents in mulberry and their scavenging effects on superoxide radicals," *Food Chemistry*, vol. 64, no. 4, pp. 555–559, 1999.

[6] P. Dugo, P. Donato, F. Cacciola, M. P. Germanò, A. Rapisarda, and L. Mondello, "Characterization of the polyphenolic fraction of *Morus alba* leaves extracts by HPLC coupled to a hybrid IT-TOF MS system," *Journal of Separation Science*, vol. 32, no. 21, pp. 3627–3634, 2009.

[7] S.-J. Piao, L.-X. Chen, N. Kang, and F. Qiu, "Simultaneous determination of five characteristic stilbene glycosides in root bark of *Morus albus* L. (Cortex Mori) using high-performance liquid chromatography," *Phytochemical Analysis*, vol. 22, no. 3, pp. 230–235, 2011.

[8] S. H. Kim, N. J. Kim, J. S. Choi, and J. C. Park, "Determination of flavonoid by HPLC and biological activities from the leaves of *Cudrania tricuspidata* Bureau," *Journal of the Korean Society of Food Science and Nutrition*, vol. 22, pp. 68–72, 1993.

[9] T. Fukai, K. Kaitou, and S. Terada, "Antimicrobial activity of 2-arylbenzofurans from *Morus* species against methicillin-resistant *Staphylococcus aureus*," *Fitoterapia*, vol. 76, no. 7-8, pp. 708–711, 2005.

[10] S.-J. Dai, Z.-B. Ma, Y. Wu, R.-Y. Chen, and D.-Q. Yu, "Guangsangons F-J, anti-oxidant and anti-inflammatory Diels-Alder type adducts, from *Morus macroura* Miq.," *Phytochemistry*, vol. 65, no. 23, pp. 3135–3141, 2004.

[11] J.-H. Liang, Y.-W. Fu, Q.-Z. Zhang, D.-H. Xu, B. Wang, and D.-J. Lin, "Identification and effect of two flavonoids from root bark of *Morus alba* against *Ichthyophthirius multifiliis* in grass carp," *Journal of Agricultural and Food Chemistry*, vol. 63, no. 5, pp. 1452–1459, 2015.

[12] A. Sheikhlar, A. R. Alimon, H. Daud et al., "White mulberry (*Morus alba*) foliage methanolic extract can alleviate *Aeromonas hydrophila* infection in African Catfish (*Clarias gariepinus*)," *The Scientific World Journal*, vol. 2014, Article ID 592709, 8 pages, 2014.

[13] J. Qin, M. Fan, J. He et al., "New cytotoxic and anti-inflammatory compounds isolated from *Morus alba* L.," *Natural Product Research*, 2015.

[14] M. Yimam, Y. C. Lee, T. W. Kim et al., "UP3005, a botanical composition containing two standardized extracts of *Uncaria gambir* and *Morus alba*, improves pain sensitivity and cartilage degradations in monosodium iodoacetate-induced rat OA disease model," *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, vol. 2015, Article ID 785638, 10 pages, 2015.

[15] H. G. Kim, H. U. Jeong, G. Park, H. Kim, Y. Lim, and M. S. Oh, "Mori Folium and Mori Fructus mixture attenuates high-fat diet-induced cognitive deficits in mice," *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, vol. 2015, Article ID 379418, 8 pages, 2015.

[16] B. Andallu and N. C. Varadacharyulu, "Antioxidant role of mulberry (*Morus indica* L. cv. Anantha) leaves in streptozotocin-diabetic rats," *Clinica Chimica Acta*, vol. 338, no. 1-2, pp. 3–10, 2003.

[17] S.-H. Fang, Y.-C. Hou, and P.-D. L. Chao, "Pharmacokinetic and pharmacodynamic interactions of morin and cyclosporin," *Toxicology and Applied Pharmacology*, vol. 205, no. 1, pp. 65–70, 2005.

[18] W. Wang, Y. Zu, Y. Fu, and T. Efferth, "In vitro antioxidant and antimicrobial activity of extracts from *Morus alba* L. leaves, stems and fruits," *The American Journal of Chinese Medicine*, vol. 40, no. 2, pp. 349–356, 2012.

[19] J.-H. Lee, S. Y. Bae, M. Oh, K. H. Kim, and M. S. Chung, "Antiviral effects of mulberry (*Morus alba*) juice and its fractions on foodborne viral surrogates," *Foodborne Pathogens and Disease*, vol. 11, no. 3, pp. 224–229, 2014.

[20] K. H. Seo, D. Y. Lee, R. H. Jeong et al., "Neuroprotective effect of prenylated arylbenzofuran and flavonoids from *Morus alba* fruits on glutamateinduced oxidative injury in HT22 hippocampal cells," *Journal of Medicinal Food*, vol. 18, no. 4, pp. 403–408, 2015.

[21] K. R. Markhan, *Techniques of Flavonoids Identification*, Academic Press, London, UK, 1982.

[22] H. Wagner and S. Bladt, *Plant Drug Analysis: A Thin Layer Chromatography Atlas*, Springer, New York, NY, USA, 2nd edition, 2001.

[23] M. Abreu, *Triagem fitoquímica de plantas por cromatografia em camada delgada (CCD)*, Universidade de Ouro Preto, Ouro Preto, Brazil, 2000.

[24] B. N. Meyer, N. R. Ferrigni, J. E. Putnam, L. B. Jacobson, D. E. Nichols, and J. L. McLaughlin, "Brine shrimp: a convenient general bioassay for active plant constituents," *Planta Medica*, vol. 45, no. 1, pp. 31–34, 1982.

[25] E. R. Almeida, *Estudo da atividade antinociceptiva central do extrato hidroalcoólico das sementes de Dioclea grandiflora Mart ex. Benth (Fabaceae) e dois de seus constituintes químicos: Dioclenol e Dioflorina [Ph.D. thesis]*, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brazil, 2002.

[26] Organization for Economic Cooperation and Development, *OECD Guideline for Testing of Chemicals. Guideline 423: Acute Oral Toxicity-Acute Toxic Class Method*, Organization for Economic Cooperation and Development, Paris, France, 2001.

[27] J. Kiernan, *Histological and Histochemical Methods: Theory and Practice*, Cold Spring Harbor Laboratory Press, Long Island, NY, USA, 4th edition, 2008.

[28] C. M. Mann and J. L. Markham, "A new method for determining the minimum inhibitory concentration of essential oils," *Journal of Applied Microbiology*, vol. 84, no. 4, pp. 538–544, 1998.

[29] A. Sartoratto, A. L. M. Machado, C. Delarmelina, G. M. Figueira, M. C. T. Duarte, and V. L. G. Rehder, "Composition and antimicrobial activity of essential oils from aromatic plants used in Brazil," *Brazilian Journal of Microbiology*, vol. 35, no. 4, pp. 275–280, 2004.

[30] J. R. Naidu, R. Ismail, and S. Sasidharan, "Acute oral toxicity and brine shrimp lethality of methanol extract of *Mentha Spicata* L. (Lamiaceae)," *Tropical Journal of Pharmaceutical Research*, vol. 13, no. 1, pp. 101–107, 2014.

[31] A. S. Leite, A. F. Dantas, G. L. S. Oliveira et al., "Evaluation of toxic, cytotoxic, mutagenic, and antimutagenic activities of natural and technical cashew nut shell liquids using the *Allium cepa* and *Artemia salina* bioassays," *BioMed Research International*, vol. 2015, Article ID 626835, 16 pages, 2015.

[32] P. Nwankpa, E. N. Agomuo, G. C. Uloneme, J. N. Egwurugwu, Y. N. Omeh, and G. C. Nwakwuo, "Effect of *Phyllanthus amarus* leaf extract on alterations of haematological parameters in *Salmonellae typhi* infested wistar albino rats," *Scientific Research and Essays*, vol. 9, no. 1, pp. 7–12, 2014.

[33] R. C. Ekeanyanwu and O. U. Njoku, "Acute and subacute oral toxicity study on the flavonoid rich fraction of *Monodora tenuifolia* seed in albino rats," *Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine*, vol. 4, no. 3, pp. 194–202, 2014.

[34] V. T. Motta, *Bioquímica clínica para o laboratório: princípios e interpretações*, MedBook, 5th edition, 2009.

[35] V. Kuete, *Toxicological Survey of African Medicinal Plants*, Elsevier, 1st edition, 2014.

[36] M. K. Gautam and R. K. Goel, "Toxicological study of *Ocimum sanctum* Linn leaves: hematological, biochemical, and histopathological studies," *Journal of Toxicology*, vol. 2014, Article ID 135654, 9 pages, 2014.

[37] M. A. Z. Alferah, "Toxicity induced histological changes in selected organs of male (Wistar) rats by *Lawsonia inermis* leaf extract," *European Journal of Medicinal Plants*, vol. 2, no. 2, pp. 151–158, 2012.

[38] S. L. Born, A. M. Api, R. A. Ford, F. R. Lefever, and D. R. Hawkins, "Comparative metabolism and kinetics of coumarin in mice and rats," *Food and Chemical Toxicology*, vol. 41, no. 2, pp. 247–258, 2003.

[39] P. A. Akah, C. C. Osigwe, and C. S. Nworu, "Reversal of coumarin-induced toxicity by the extracts and fractions of *Ageratum conyzoides*," *Asian Journal of Medical Sciences*, vol. 2, no. 3, pp. 121–126, 2010.

[40] R. Jayaraj, U. Deb, A. S. B. Bhaskar, G. B. K. S. Prasad, and P. V. L. Rao, "Hepatoprotective efficacy of certain flavonoids against microcystin induced toxicity in mice," *Environmental Toxicology*, vol. 22, no. 5, pp. 472–479, 2007.

[41] Y. Miyasaki, J. D. Rabenstein, J. Rhea et al., "Isolation and characterization of antimicrobial compounds in plant extracts against multidrug-*resistant Acinetobacter baumannii*," *PLoS ONE*, vol. 8, no. 4, Article ID e61594, 2013.

6. ARTIGO 2

Evaluation of ethanolic extract from *Morus alba* L. (Moraceae) leaves for genotoxicity *in vivo*, cytotoxicity and inhibitory effect in acute inflammation model

ARTIGO A SER SUBMETIDO AO PERIÓDICO

"Journal of Ethnopharmacology"

Fator de impacto: 2.998

Short communication

Evaluation of ethanolic extract from *Morus alba* L. (Moraceae) leaves for genotoxicity *in vivo*, cytotoxicity and inhibitory effect in acute inflammation model

Alisson Macário de Oliveira[a], Matheus Ferreira do Nascimento[b], Danielle Feijó de Moura[c], Talita Gisely dos Santos Souza[c], Fernanda Virgínia Barreto Mota[b], Eduardo Henrique da Silva Ramos[b], Jaciana dos Santos Aguiar[b], Patrícia Maria Guedes Paiva[a], Teresinha Gonçalves da Silva[b], Cristiano Aparecido Chagas[c], Ivone Antônia de Souza[b], Thiago Henrique Napoleão[a,*]

[a]*Departamento de Bioquímica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420, Recife, Pernambuco, Brazil.*

[b]*Departamento de Antibióticos, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420, Recife, Pernambuco, Brazil.*

[c]*Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco, 55604-000, Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brazil.*

*Corresponding author. Tel: +558121268540; fax: +558121268576

E-mail: thiagohn86@yahoo.com.br

Abstract

Ethnopharmacological relevance: The use of *Morus alba* L. (white mulberry) in traditional medicine has expanded around the world, including in Brazil. The Leaves of this plant are used to treat inflammatory disorders. This scenario stimulate studies on the toxicological safety and scientific substantiation of *M. alba* medicinal properties.

Aim of the study: This work evaluated an ethanolic extract from *M. alba* leaves for *in vivo* genotoxicity, cytotoxicity to human cancer cells, and potential to reduce acute inflammation.

Materials and Methods: Genotoxicity was evaluated by micronucleus test and administration of the extract to Swiss mice at 75, 150 and 300 mg/kg b.w. *per os*. After 48 h, the number of micronucleated polychromatic erythrocytes was determined. Cytotoxicity of the extract (50 µg/mL) to NCI-H292, HEp-2, HT-29, MCF-7, and HL-60 cells was evaluated by MTT assay. The anti-inflammatory effect was investigated using the carrageenan-induced inflammation in the air pouch model The same doses of the genotoxicity test were administered *per os* to Swiss mice.

Results: The extract, containing coumarins, flavonoids, tannins, and triterpenes, did not show genotoxic effect and was also not cytotoxic to the cell lines evaluated. The oral administration of *M. alba* extract considerably reduced (58.6–65.6% inhibition) the leukocyte migration in all doses evaluated, in comparison with negative control.

Conclusions: The ethanolic extract from *M. alba* leaves, which did not show genotoxicity and general cytotoxicity to human cells, exerted a high inhibitory effect of acute inflammation. The work contributes in the determination of the safety of the medicinal use of *M. alba* leaves, which has expanded all over the world.

Keywords: white mulberry; micronucleus test; anti-inflammatory effect; toxicological safety.

1. Introduction

Several populations traditionally use medicinal plants to alleviate, prevent or cure physical and mental infirmities, mainly based on the beliefs of people resulting from empiric practices (Gaikwad et al., 2014). *Morus alba* L. is one of these plants, being used for centuries in Chinese medicine and now all over the world, including in Brazil (Zeni and Dall'Molin, 2010; Singh et al., 2013). Ethnopharmacological surveys have listed its use to treat diabetes, atherosclerosis, chancre, and throat irritation, for example (Butt et al., 2008; Amjad, 2015). Leaves and root bark of this plant are also used to treat inflammatory disorders (Chen et al., 2013; Zafar et al., 2013; Eo et al., 2014)

The compounds mulberroside A and oxyresveratrol obtained from *M. alba* cortex showed anti-inflammatory effect by reducing paw edema induced by carrageenan in mice; the oxyresveratrol was also extracted from *M. alba* branches and suppressed the migration of leukemic Jurkat T cells in response to stromal cell-derived factor 1 *in vitro* (Chung et al., 2003; Chen et al., 2013). Regarding the leaves of this plant, Kim et al. (2011) showed that ethanolic extract from leaves fermented with *Hericium erinaceum* mycelium was able to inhibit *in vitro* the production of the pro-inflammatory mediators nitric oxide, tumor necrosis factor-α, and interleukins IL-1β and IL-6 in LPS-stimulated RAW 264.7 cells. Pereira et al. (2013) reported that a hydroethanolic extract from *M. alba* leaves showed was able to inhibit the chronic inflammation in an *in vivo* granuloma tissue model.

Although plant medicines is often accepted by people as safer than allopathic drugs, the natural origin of plant products did not become them exempt of toxicity to humans. Among the damaging effects to health that can result from the indiscriminate use of natural medicines, there is the possibility that some plant substances interact with DNA promoting alterations in structure of this molecule as well as inducing mutations (Neto et al., 2005). In

addition, the absence of lethal effect of a plant preparation is not guarantee of safety from a genotoxicological standpoint. For example, the water extract from *Arisolochiae manshuriensis* stem was genotoxic to bone marrow erythrocytes when orally administered to mice, although it did not cause death and clinical alterations (Hwang et al., 2012).

A previous study on the oral toxicity of ethanolic extract from *M. alba* leaves revealed that it was not lethal and did not cause histopathological changes in liver, spleen and kidney of mice at a dose 300 mg/kg, being only observed a reduction of leukocytes number (Oliveira et al., 2015). In order to additionally contribute with the toxicological survey of *M. alba* leaves, in the present work we evaluated the ethanolic leaf extract for *in vivo* genotoxicity to mice polychromatic erythrocytes and for cytotoxicity to human cancer cells. After these evaluations, we determined its anti-inflammatory potential using an acute inflammation model.

2. Materials and methods

2.1. Plant material

Leaves of *Morus alba* L. (checked with www.theplantlist.org), known as white mulberry, were collected in Petrolina city (9°23′39″ S, 40°30′35″W), State of Pernambuco, northeast of Brazil. A voucher specimen (number 88372) is deposited in the herbarium of the *Instituto Agronômico de Pernambuco*, Recife, Brazil.

2.2. Preparation of extract and phytochemical analysis

The ethanolic extract was obtained as described by Oliveira et al. (2015). After collection, the leaves were washed with distilled water, maintained at 28°C during 24 h and next in an oven at 45°C for 15 days. The powder of dried leaves (180 g) was suspended in 70% (v/v) ethanol in distilled water and allowed to rest for 48 h. Next, the suspension was mechanically stirred for 48 h using an orbital shaker. The extract was obtained after filtration and removal of solvent by rotary evaporation. The extract was evaluated for the presence of coumarins, flavonoids, tannins, steroids, alkaloids, anthraquinones and triterpenes by thin layer chromatography (TLC) as described by Markhan (1982), Wagner and Bladt (2001) and Abreu (2000).

2.3. Animals

The *in vivo* assays were performed using male and female Swiss mice (*Mus musculus*) weighing 38–50 g and reared in the vivarium of the *Laboratório de Farmacologia e Cancerologia Experimental* from the *Universidade Federal de Pernambuco*. The animals were maintained at temperature of 21±1°C, 12L:12D photoperiod with *ad libitum* access to food (Purina®) and water. The Animal Ethics Committee of the *Universidade Federal de Pernambuco* approved all experimental procedures (process number 23076.061132/2014-33).

2.4. In vivo genotoxicity assay

The genotoxicity of *M. alba* leaf extract was evaluated by the micronucleus test. Groups of male mice (n=5) were treated with 0.9% saline *per os* (negative control), cyclophosphamide (25 mg/kg b.w. i.p.; positive control) or leaf extract (75, 150 or 300 mg/kg b.w. *per os*). After 48 h of treatment administration, the animals were anesthetized with

ketamine/xylazine solution and their blood was sampled from the orbital plexus. For each animal, two slides previously stained with acridine orange received 10 µL of blood and the presence of micronuclei was evaluated using a fluorescence microscope (OECD, 1997). For each sample, a number of 2000 polychromatic erythrocytes was counted, being the analyses performed in a blinded manner by a single person.

2.5. Cytotoxicity assays

Cytotoxicity of leaf extract was evaluated using the human tumor cell lines NCI-H292 (lung mucoepidermoid carcinoma), HEp-2 (larynx epidermoid carcinoma), HT-29 (human colon adenocarcinoma), MCF-7 (human breast adenocarcinoma), and HL-60 (acute promyelocytic leukemia). The NCI-H292, HEp-2 and Ht-29 cells were maintained in Dulbecco's Modified Eagle's Medium (DMEM) while the MCF-7 and HL-60 cells were maintained in Roswell Park Memorial Institute (RPMI) 1640 medium. Both culture media were supplemented with 10% (w/v) fetal bovine serum and 1% (v/v) of antibiotic solution (100 U/mL penicillin, and 100 µg/mL streptomycin). The cultures were kept at 37°C in an atmosphere with 5% CO_2.

The NCI-H292, HEp-2, MCF-7 (10^5 cells/mL) and HL-60 (3×10^5 cells/mL) were separately plated in 96-well microplates and incubated for 24 h. Next, the extract was dissolved in 0.5% (v/v) dimethylsulfoxide (DMSO) and added in the plate wells to a final concentration of 50 µg/mL. Doxorubicin (5 µg/mL) was used as standard drug. After 72 h of incubation, it was added to each well 25 µL of 3-(4,5-dimethylthiazol-2-yl)-2,5-diphenyl tetrazolium bromide (MTT) solution (5.0 mg/mL) and after additional 3 h, the culture medium containing MTT was removed and 100 µL of DMSO was added to each well. The absorbance at 560 nm was recorded using a microplate reader (Alley et al., 1988; Mosmann,

1983). The cytotoxic effect was classified as follows: strong (91–100% of inhibition), moderate (71–90% inhibition), weak (51–70% inhibition) and no effect (inhibition lower than or equal to 50 %).

2.6. In vivo anti-inflammatory assay

Anti-inflammatory potential of *M. alba* leaf extract in the air pouch model was investigated. Female mice were separated in the following groups (n=6): negative control (0.9% saline *per os*), positive control (indometacin 10 mg/kg b.w. i.p) and experimental groups (leaf extract at 75, 150 or 300 mg/kg b.w. *per os*). Each group received a subcutaneous injection of sterile air (2.5 mL) two times, with an interval of 3 days. At the 7^{th} day, 1% (w/v) carrageenan was injected in the air pouch and after 1 h, the animals received the respective treatments. A control group (n=6) that did not receive carrageenan injection and any treatment was also performed. After 6 h of treatment, the exudates in air pouches were collected and the number of leukocytes was counted using an automated hematology analyzer.

2.7. Statistical analysis

The results were expressed as mean of replicates ± SD. In the analysis of results from genotoxicity assay, the variance homogeneity was verified by the Levene's test and the comparisons were performed using the Kruskal-Wallis's test. For evaluation of the anti-inflammatory potential, analysis of variance (ANOVA) was performed followed by Bonferroni's test for multiple comparisons. A p value < 0.05 was adopted as significance level.

3. Results and discussion

Phytochemical analysis of the ethanolic extract from *M. alba* leaves indicated the presence of coumarins, flavonoids, tannins, and triterpenes, similarly to found by Oliveira et al. (2015). Figure 1 shows the numbers of micronuclei counted in samples from animals of all treatments. It can be noticed that the samples from mice of negative control and treatments with the extract contained similar numbers (< 10) of micronucleated polychromatic erythrocytes. Statistical analysis indicated that there are no significant differences ($p > 0.05$) between these groups. On the other hand, a high number of micronuclei was determined in samples from animals that received the positive control drug.

The micronucleus assay is considered an important biomarker of cytogenetic damages caused by genotoxic agents (Araldi et al., 2015). A drug is defined as genotoxic when the frequency of micronuclei is at least 20% higher than that in negative control (OECD, 1997). In this sense, the *M. alba* leaf extract can be considered as safe. Similarly, the plant flavonoid myricitrin, used in food production, did not show genotoxicity by *in vivo* micronucleus test, supporting its safety for use in food and beverage industry (Hobbs et al., 2015).

The cytotoxicity of *M. alba* leaf extract was evaluated using human tumor cell lines. These assays allowed us to determine if the extracts would have a general toxicity to human cell as well as to evaluate a possible antitumor potential against one or some of the cancer types tested. The results (Table 1) show that *M. alba* extract did not show cytotoxic effect to the cell lines evaluated, promoting inhibition no higher than 37.7%.

Together with the previous results published, the ethanolic extract from *M. alba* leaves prepared as described here can be considered safe at doses lower or equal to 300 mg/kg. At the conditions evaluated, the extract was non-toxic when ingested by mice (Oliveira et al.,

2015), was not damaging for genetic material when also orally administered and did not exert unselective toxic effect on human cells.

As mentioned above, *M. alba* is broadly used in traditional medicine to treat inflammatory disorders. Based on the results of toxicological assays, we evaluated the potential of the ethanolic extract (at doses ≤ 300 mg/kg) in reduce the leukocyte migration in an acute inflammation model. The air pouch model is considered as a first choice assay for the verification *in vivo* of the anti-inflammatory potential of natural products (Sedgwick and Lees, 1986). The oral administration of *M. alba* extract considerably reduced the leukocyte migration in all doses evaluated, in comparison with negative control (Table 2). In addition, the effects of the doses 150 and 300 mg/kg were not significantly different ($p > 0.05$) from that of the standard drug indomethacin.

Pereira et al. (2013) studied the anti-inflammatory effect of an ethanolic extract from *M. alba* using a model of chronic inflammation (granuloma tissue). They showed that the extract reduced the inflammation in 20.3% at a dose of 300 mg/kg and suggested that flavonoids are involved in the anti-inflammatory effect. Although the extraction methods were distinct, the comparison of this study with our results suggests that ethanolic extract from *M. alba* leaves has a higher potential in combating acute phase of inflammation.

Among the compounds detected in *M. alba* leaf extract, the flavonoids and coumarins have been reported as natural anti-inflammatory agents. Prenylated flavonoids isolated from *M. alba* root bark showed *in vitro* anti-inflammatory effect on LPS-treated cells (Kollar et al., 2013) and the anti-inflammatory activities of extracts from leaves of *Phyllantus acidus* and *Bidens pilosa* were also attributed to the presence of this class of compounds (Chakraborty et al., 2012; Fotso et al., 2014). Coumarins have been shown to exert anti-inflammatory effect *in vitro* on HT-29 human colon carcinoma cells (Kang et al., 2009) and *in vivo* effect on guinea pigs submitted to the carrageenan-induced paw edema model (Backhouse et al., 2001).

In conclusion, ethanolic extract from *M. alba* leaves did not show genotoxicity and cytotoxicity and exerted a high inhibitory effect of acute inflammation in the model evaluated here. The work contributes in the determination of the safety of the medicinal use of *M. alba* leaves, which has expanded all over the world.

Acknowledgements

The authors express their gratitude to the *Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco* (FACEPE; APQ-0108-2.08/14), the *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq; 472546/2012-0; 446902/2014-4) and the *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) for financial support. TGS and PMGP thanks CNPq for investigator research grants. AMO thanks CAPES for graduate scholarship.

References

Alley, M.C., Scudiero, D.A., Monks, A., Hursey, M.L., Czerwinski, M.J., Fine, D.L., Abbott, B.J., Mayo, J.G., Shoemaker, R.H., Boyd, M.R. 1988. Feasibility of drug screening with panels of human tumor cell lines using a microculture tetrazolium assay. Cancer Res. 48, 589- 601.

Amjab, M.S., 2015. Ethnobotanical profiling and floristic diversity of Bana Valley, Kotli (Azad Jammu and Kashmir), Pakistan. Asian Pac. J. Trop. Biomed.. 4, 952-958.

Araldi, R.P., Melo, T.C., Mendes, T.B., Sá Júnior, P.L., Nozima, B.H.N., Ito, E.T., Carvalho, R.F., Souza, E.B., Stocco, R.C., 2015. Using the comet and micronucleus assays for genotoxicity studies: A review. Biomed. Pharmacother. 72, 74–82.

Backhouse, C.N., Delporte, C.L., Negrete, R.E., Erazo, S., Zuñiga, A., Pinto, A., Cassels, B.K., 2011. Active constituents isolated from *Psoralea glandulosa* L. with antiinflammatory and antipyretic activities. J. Ethnopharmacol. 78, 27–31.

Butt M.S., Nazir A., Sultan M.T., Schroîn K., 2008. Trend Food Sci. Technol. 19, 505.

Chakraborty, R., Biplab, D., Devanna, N., Sem, S., 2012. Antiinflammatory, antinociceptive and antioxidant activities of *Phyllanthus acidus* L. extracts. Asian Pac. J. Trop. Biomed. 2, S953-S961.

Chen, Y.C., Tien, Y.J., Chen, C.H., Beltran, F.N, Amor, E.C., Wang, R.J., Wu, D.J, Mettling, C., Lin, Y.L., Yang, W.C., 2013. *Morus alba* and active compound oxyresveratrol exert anti-inflammatory activity via inhibition of leukocyte migration involving MEK/ERK signaling. BMC Complement. Altern. Med. 13, 45

Chung, K.O., Kim, B.Y., Lee, M.H., Kim, Y.R.,Chung, H.Y., Park, J.H., Moon, J.O., 2003. In vitro and in vivo anti-inflammatory effect of oxyresveratrol from *Morus alba* L. J. Pharm. Pharmacol. 55: 1695–1700.

Eo, H.J., Park, J.H., Park, G.H., Lee, M.H., Lee, J.R., Koo, J.S., Jeong, J.B. 2014. Anti-inflammatory and anti-cancer activity of mulberry (*Morus alba* L.) root bark. BMC Complement. Altern. Med. 14, 200

Fotso, A.F., Longo, F., De´sire´, P., Djomeni, D., Kouam, S.F., Spiteller, M., Dongmo, A.B., Savineau. J.P., 2014. Analgesic and antiinflammatory activities of the ethyl acetate fraction of Bidens pilosa (Asteraceae). Inflammopharmacol. 22, 105–114.

Hobbs, C.A., Swartz, C., Maronpot, R., Davis, J., Recio, L., Koyanagi, M., Hayashi, S., 2015. Genotoxicity evaluation of the flavonoid, myricitrin, and its aglycone, myricetin. Food Chem. Toxicol. 83, 283-292.

Hwang, Y.H., Kim, T., Cho, W.K., Yang, H.J., Kwak, D.H., Ha, H., Song, K.H., Ma, J.Y., 2012. In vitro and In vivo genotoxicity assessment of *Aristolochia manshuriensis* Kom. Evid. Based Complementary Altern. Med.. 2012, 412736.

Kang, K.H., Kongb, C.S., Seo, Y., Kimd, M.M., Kima, S.K., 2009. Anti-inflammatory effect of coumarins isolated from *Corydalis heterocarpa* in HT-29 human colon carcinoma cells. Food Chem. Toxicol. 47, 2129–2134.

Kim, H., Jeong, J.H., Shin, J.Y., Kim, D.G., Yu, K.W., 2011. Immunomodulatory and anti-inflammatory activity of mulberry (*Morus alba*) leaves fermented with *Hericium erinaceum* mycelium by solid state culture. J. Korean Soc. Food Sci. Nutr. 40, 1333-1339

Kollar, P., Bárta, T., Hošek, J., SouIek, K., Závalová, V.M., Artinian, S., Talhouk, R., Šmejkal, K., Suchý Jr. P., Hampl, A., 2013. Evid. Based Complementary Altern. Med.. 2013, 350519.

Mosmann, T., 1983. Rapid colorimetric assay for cellular growth and survival: application to proliferation and cytotoxicity assays. J. Immunol. Methods 65, 55–63.

OECD, 1997. OECD Guideline for The Testing of Chemicals. Method 474 - Mammalian Erythrocyte Micronucleus Test.

Pereira, C.B., Marin, A., Dalmora, S.L., Necchi, R.M.M., Moresco, R.N., Manfron, M.P., 2013. Atividade anti-inflamatória e avaliação da toxicidade do extrato hidroetanólico de *Morus alba* (Moraceae). Rev. Ciênc. Farm. Básica Apl. 34, 43-46.

Sedgwick, A. D., Lees, P. A., 1986. Comparison of air pouch, sponge and pleurisy models of acute carrageenan inflammation in the rat. Agents Actions 18, 439-46.

Zafar, M.S., Muhammad, F., Javed, I., Akhtar, M., Khaliq, T., Aslam, B., Waheed, A., Yasmin, R., Zafar, H., 2013. White mulberry (*Morus alba*): A brief phytochemical and pharmacological evaluations account. Int. J. Agric. Biol. 15, 612–620.

Zeni, A.L.B., Dall'Molin, M., 2010. Hypotriglyceridemic effect of *Morus alba* L., Moraceae, leaves in hyperlipidemic rats. Braz. J. Pharmacogn. 20, 130-133.

Table 1. Evaluation of cytotoxicity of ethanolic extract from *M. alba* leaves to human cancer cell lines.

Cell line	Inhibitory effect (%)	
	M. alba extract	Doxorubicin
HEp-2	37.7 ± 2.0	79.4 ± 2.6
MCF-7	20.1 ± 1.5	74.8 ± 2.1
HL-60	35.9 ± 3.3	92.9 ± 0.6
NCI-H292	23.2 ± 2.7	94.1 ± 2.0
HT-29	20.6 ± 0.0	64.1 ± 1.1

Table 2. Effect of ethanolic extract from *M. alba* leaves on leukocyte migration in the acute inflammation model of air pouch.

Groups and treatments	**Cell migration (10^3 cells/mm^3)**	**Inhibition (%)**
Negative control		
Saline *per os*	11.63±0.55 a	-
Positive control		
Indometacine 10 mg/kg i.p.	4.11±0.09 b	64.7
Treated		
Extract 75 mg/kg *per os*	5.02±0.04 c	56.8
Extract 150 mg/kg *per os*	4.31±0.01 b	62.9
Extract 300 mg/kg *per os*	4.00±0.06 b	65.6

The number of leukocytes in exsudate from control group that did not receive carrageenan injection and any treatment was 0.22×10^3 ($\pm0.04\times10^3$) cells/mm^3. Different letters indicate significant differences between groups at $p < 0.05$.

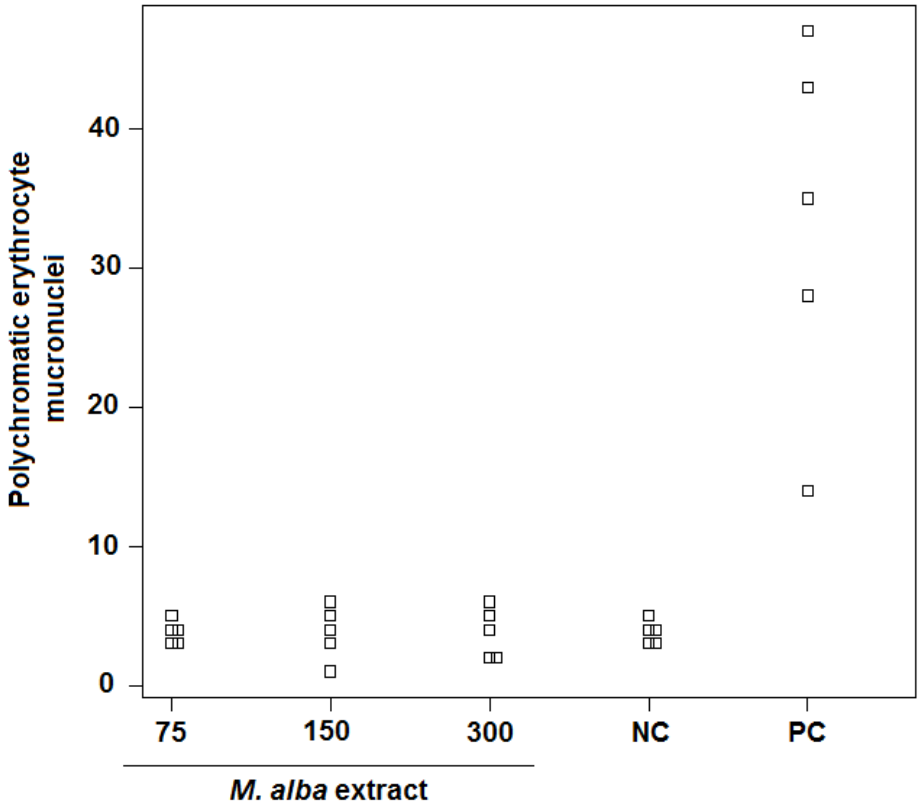


Figure 1. Evaluation of *in vivo* genotoxicity of ethanolic extract from *M. alba* leaves (75, 150 and 300 mg/kg b.w. *per os*) by determination of the micronuclei frequencies in murine polychromatic erythrocytes. Each dot represents an animal (n=5) of the group. NC: negative control. PC: positive control (cyclophosphamide 25 mg/kg b.w. i.p.).

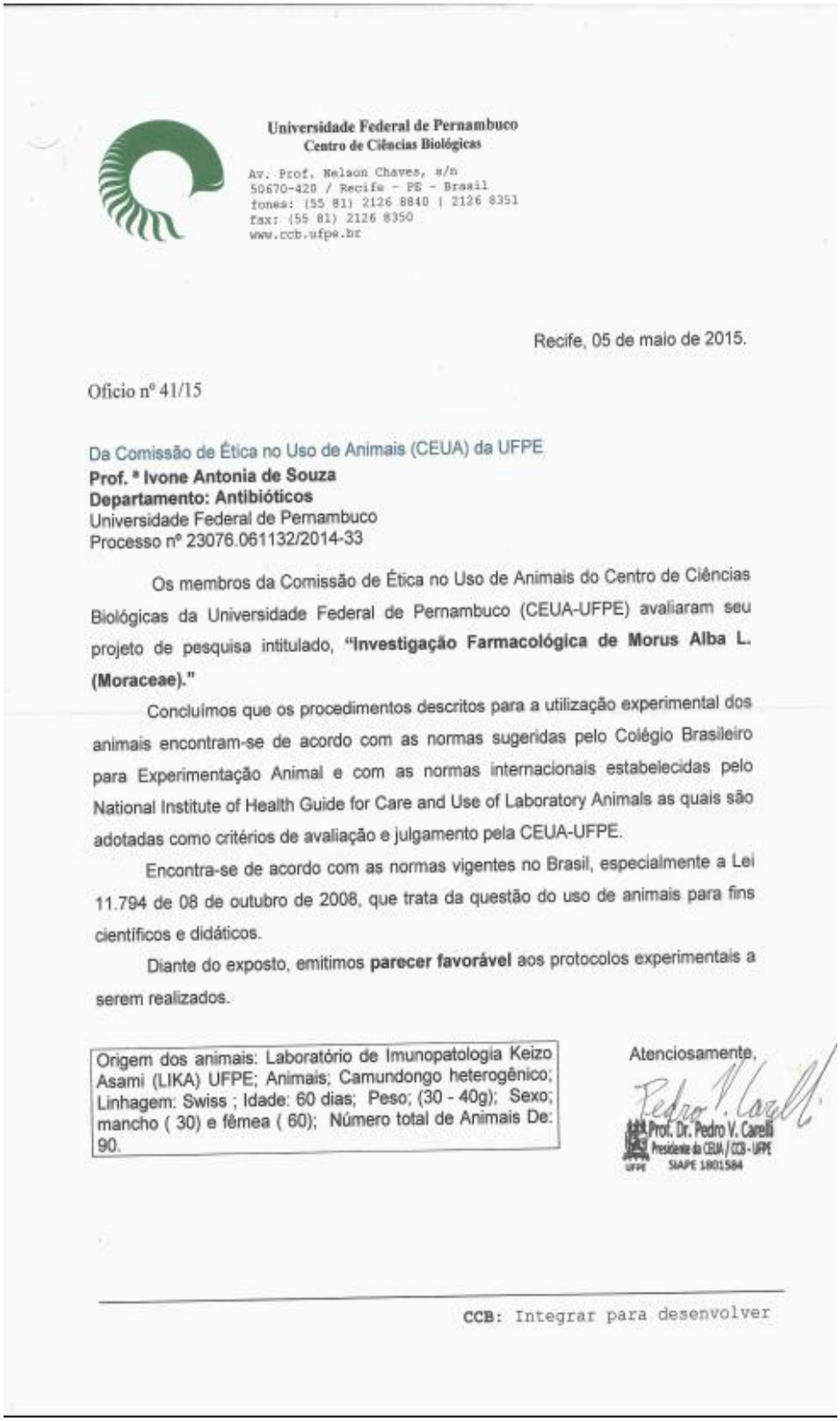
7. CONCLUSÃO

Avaliação da toxicidade de etanólico de folhas de *M. alba* revelou que o mesmo não foi letal nem apresentou efeito genotóxico para camundongos quando administrado por via oral na dose de 300 mg/kg. Contudo, a utilização do extrato em dose de 2000 mg/kg deve ser evitada, devido às alterações bioquímicas, hematológicas e histopatológicas detectadas no ensaio de toxicidade aguda. O extrato também não apresentou citoxicidade *in vitro* para linhagens celulares humanas.

Em dose segura, de acordo com os ensaios toxicológicos, o extrato apresentou potencial inibitório em modelo de inflamação aguda, reduzindo a migração de leucócitos. Ainda, o extrato apresentou atividade antimicrobiana contra bactérias e fungos de importância médica.

8. ANEXOS

Anexo 1: Parecer do Comitê de Ética em Experimentação Animal (UFPE)



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Biológicas

Av. Prof. Nelson Chaves, s/n
50670-420 / Recife - PE - Brasil
fones: (55 81) 2126 8840 | 2126 8351
fax: (55 81) 2126 8350
www.ccb.ufpe.br

Recife, 05 de maio de 2015.

Oficio nº 41/15

Da Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) da UFPE
Prof.ª Ivone Antonia de Souza
Departamento: Antibióticos
Universidade Federal de Pernambuco
Processo nº 23076.061132/2014-33

Os membros da Comissão de Ética no Uso de Animais do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco (CEUA-UFPE) avaliaram seu projeto de pesquisa intitulado, **"Investigação Farmacológica de Morus Alba L. (Moraceae)."**

Concluímos que os procedimentos descritos para a utilização experimental dos animais encontram-se de acordo com as normas sugeridas pelo Colégio Brasileiro para Experimentação Animal e com as normas internacionais estabelecidas pelo National Institute of Health Guide for Care and Use of Laboratory Animals as quais são adotadas como critérios de avaliação e julgamento pela CEUA-UFPE.

Encontra-se de acordo com as normas vigentes no Brasil, especialmente a Lei 11.794 de 08 de outubro de 2008, que trata da questão do uso de animais para fins científicos e didáticos.

Diante do exposto, emitimos **parecer favorável** aos protocolos experimentais a serem realizados.

Origem dos animais: Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA) UFPE; Animais; Camundongo heterogênico; Linhagem: Swiss ; Idade: 60 dias; Peso; (30 - 40g); Sexo; mancho (30) e fêmea (60); Número total de Animais De: 90.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Pedro V. Carelli
Presidente da CEUA / CCB - UFPE
SIAPE 1801584

CCB: Integrar para desenvolver

The Journal of Ethnopharmacology is dedicated to the exchange of information and understandings about people's use of plants, fungi, animals, microorganisms and minerals and their biological and pharmacological effects based on the principles established through international conventions. Early people, confronted with illness and disease, discovered a wealth of useful therapeutic agents in the plant and animal kingdoms. The empirical knowledge of these medicinal substances and their toxic potential was passed on by oral tradition and sometimes recorded in herbals and other texts on materia medica. Many valuable drugs of today (e.g., atropine, ephedrine, tubocurarine, digoxin, reserpine) came into use through the study of indigenous remedies. Chemists continue to use plant-derived drugs (e.g., morphine, taxol, physostigmine, quinidine, emetine) as prototypes in their attempts to develop more effective and less toxic medicinals.

Please note that figures and tables should be embedded in the text as close as possible to where they are initially cited. It is also mandatory to upload separate graphic and table files as these will be required if your manuscript is accepted for publication.

Classification of your paper

Please note that upon submitting your article you will have to select **at least one classification** and **at least three of the given keywords**. You can preview the list of classifications and keywords (here). This information is needed by the Editors to more quickly process your article. In addition to this, you can submit free keywords as described below under "Keywords".

The "rules of 5"

The Editors and Editorial Board have developed the "Rules of 5" for publishing in JEP. We have produced five clear criteria that each author needs to think about before submitting a manuscript and setting the whole process of editing and reviewing at work. Click here.

For more details on how to write a world class paper, please visit our Pharmacology Author Resources page.

Authors are encouraged to submit video material or animation sequences to support and enhance your scientific research. For more information please see the paragraph on video data below.

Types of paper

The Journal of Ethnopharmacology will accept the following contributions:

1. Original research articles - whose length is not limited and should include Title, Abstract, Methods and Materials, Results, Discussion, Conclusions, Acknowledgements and References. As a guideline, a full length paper normally

occupies no more than 10 printed pages of the journal, including tables and illustrations.
2. Short Communications - whose average length is not more than 4 pages in print (approx. 2000-2300 words, including abstract and references). A maximum of 2 illustrations (figures or tables) is allowed. See paragraph below for description and format.
3. Letters to the Editors.
4. Reviews - Authors intending to write review articles should consult and send an outline to the Reviews Editor (see inside front cover for contact information) before preparing their manuscripts. The organization and subdivision of review articles can be arranged at the author's discretion. Authors should keep in mind that a good review sets the trend and direction of future research on the subject matter being reviewed. Tables, figures and references are to be arranged in the same way as research articles in the journal. Reviews on topics that address cutting-edge problems are particularly welcome.
Outlines for potential reviews need to include:

- A detailed abstract using the structure provided in the guidelines
- An annotated table of contents
- A short CV of the lead author

5. Book reviews - Books for review should be sent to the Reviews Editor.
6. Commentaries - invited, peer-reviewed, critical discussion about crucial aspects of the field but most importantly methodological and conceptual-theoretical developments in the field and should also provide a standard, for example, for pharmacological methods to be used in papers in the Journal of Ethnopharmacology. The scientific dialogue differs greatly in the social / cultural and natural sciences, the discussions about the common foundations of the field are ongoing and the papers published should contribute to a transdisciplinary and multidisciplinary discussion. The length should be a maximum of 2-3 printed pages or 2500 words. Please contact the Reviews Editor j.ethnopharmacol@pharmacy.ac.uk with an outline.
7. Conference announcements and news.

Before You Begin

Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics andhttp://www.elsevier.com/journal-authors/ethics.

Policy and ethics

In the covering letter, the author must also declare that the study was performed according to the international, national and institutional rules considering animal experiments, clinical studies and biodiversity rights. See below for further information. The ethnopharmacological importance of the study must also be explained in the cover letter.

Animal and clinical studies - Investigations using experimental animals must state in the Methods section that the research was conducted in accordance with the

internationally accepted principles for laboratory animal use and care as found in for example the European Community guidelines (EEC Directive of 1986; 86/609/EEC) or the US guidelines (NIH publication #85-23, revised in 1985). Investigations with human subjects must state in the Methods section that the research followed guidelines of the Declaration of Helsinki and Tokyo for humans, and was approved by the institutional human experimentation committee or equivalent, and that informed consent was obtained. The Editors will reject papers if there is any doubt about the suitability of the animal or human procedures used.

Biodiversity rights - Each country has its own rights on its biodiversity. Consequently for studying plants one needs to follow the international, national and institutional rules concerning the biodiversity rights.

Author contributions
For each author the contribution to the publication should be mentioned.

Conflict of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See alsohttp://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at:http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, seehttp://www.elsevier.com/sharingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheckhttp://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:
Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or

removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.
After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Article transfer service

This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information about this can be found here:http://www.elsevier.com/authors/article-transfer-service.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, seehttp://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consulthttp://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information seehttp://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (seehttp://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Author rights
As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. For more information see http://www.elsevier.com/copyright.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of

data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some authors may also be reimbursed for associated publication fees. To learn more about existing agreements please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse
• An open access publication fee is payable by authors or on their behalf e.g. by their research funder or institution
Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs (http://www.elsevier.com/access).
• No open access publication fee payable by authors.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards.

For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution (CC BY)
Lets others distribute and copy the article, create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), include in a collective work (such as an anthology), text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND)
For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The open access publication fee for this journal is **USD 3250**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy:http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access

Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see our green open access page for further information (http://elsevier.com/greenopenaccess). Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and begins from the publication date of the issue your article appears in.

This journal has an embargo period of 12 months.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/languageediting/) or visit our customer support site (http://support.elsevier.com) for more information.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Additional information

Authors who want to submit a manuscript should consult and peruse carefully recent issues of the journal for format and style. Authors must include the following contact details on the title page of their submitted manuscript: full postal address; fax; e-mail. All manuscripts submitted are subject to peer review. The minimum requirements for a manuscript to qualify for peer review are that it has been prepared by strictly following the format and style of the journal as mentioned, that it is written in good English, and that it is complete. Manuscripts that have not fulfilled these requirements will be returned to the author(s).

In addition, you are recommended to adhere to the research standards described in the following articles:

Cos P., Vlietinck A.J., Berghe D.V., et al. (2006) Anti-infective potential of natural products: how to develop a stronger in vitro 'proof-of-concept'. Journal of Ethnopharmacology, 106: 290-302.

Matteucci, E., Giampietro, O. (2008) Proposal open for discussion: defining agreed diagnostic procedures in experimental diabetes research. Journal of Ethnopharmacology,115: 163-172.

Froede, T.SA. and Y.S. Medeiros, Y.S. (2008) Animal models to test drugs with potential antidiabetic activity. Journal of Ethnopharmacology 115: 173-183. Gertsch J. (2009) How scientific is the science in ethnopharmacology? Historical perspectives and epistemological problems. Journal of Ethnopharmacology, 122: 177-183.

Chan K., et al. (2012) Good practice in reviewing and publishing studies on herbal medicine, with special emphasis on traditional Chinese medicine and Chinese Materia Medica. Journal of Ethnopharmacology 140: 469-475.

Heinrich, M., Edwards. S., Moerman. D.E.. and Leonti. M. (2009), Ethnopharmacological field studies: a critical assessment of their conceptual basis and methods. J. Ethnopharmacol, 124: 1-17.

Preparation

Use of word processing software

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - numbered sections
Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods
Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Theory/calculation
A Theory section should extend, not repeat, the background to the article already dealt with in the Introduction and lay the foundation for further work. In contrast, a Calculation section represents a practical development from a theoretical basis.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions
The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Glossary
Please supply, as a separate list, the definitions of field-specific terms used in your article.

Appendices
If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• **Title.** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• **Author names and affiliations.** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• **Corresponding author.** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that the e-mail**

address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.
• **Present/permanent address.** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

The author should divide the abstract with the **headings Ethnopharmacological relevance, Aim of the study , Materials and Methods, Results, and Conclusions**.
Click here to see an example.

Graphical abstract

A Graphical abstract is mandatory for this journal. It should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership online. Authors must provide images that clearly represent the work described in the article. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files.
Seehttp://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples.
Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images also in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Keywords
After having selected a classification in the submission system, authors must in the same step select 5 keywords. These keywords will help the Editors to categorize your article accurately and process it more quickly. A list of the classifications and set keywords can be found here.

In addition, you can provide a maximum of 6 specific keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, "and", "of"). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Chemical compounds

You can enrich your article by providing a list of chemical compounds studied in the article. The list of compounds will be used to extract relevant information from the NCBI PubChem Compound database and display it next to the online version of the article on ScienceDirect. You can include up to 10 names of chemical compounds in the article. For each compound, please provide the PubChem CID of the most relevant record as in the following example: Glutamic acid (PubChem CID:611). The PubChem CIDs can be found viahttp://www.ncbi.nlm.nih.gov/pccompound. Please position the list of compounds immediately below the 'Keywords' section. It is strongly recommended to follow the exact text formatting as in the example below:
Chemical compounds studied in this article
Ethylene glycol (PubChem CID: 174); Plitidepsin (PubChem CID: 44152164); Benzalkonium chloride (PubChem CID: 15865)
More information is available at: http://www.elsevier.com/PubChem.

Plant names

In the Materials and Methods section there must be a separate heading for describing the material used. That includes official name, local name, English name (if known), GPS position in case of collection in the wild or cultivation, a voucher specimen must be deposited in an official herbarium for possible future comparison. In the text it should be stated that the plant name has been checked
with www.theplantlist.org mentioning the data of accessing that website.
In case of commercially procured material should mention the source, batch number, quality control data. Data on chemical characterization (metabolomics, chromatographic methods) should also be presented, in case of known active compounds their quantitative analysis should be presented.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Math formulae

Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors can build footnotes into the text, and this feature may be used. Otherwise, please indicate the position of footnotes in the text and list the

footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Artwork

Electronic artwork
General points
• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.
• Submit each illustration as a separate file.
A detailed guide on electronic artwork is available on our website:
http://www.elsevier.com/artworkinstructions.
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.
Formats
If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.
Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.
TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.
Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Please note that figures and tables should be embedded in the text as close as possible to where they are initially cited. It is also mandatory to upload separate graphic and table files as these will be required if your manuscript is accepted for publication.

Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect

and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**. Please indicate your preference for color: in print or online only. For further information on the preparation of electronic artwork, please seehttp://www.elsevier.com/artworkinstructions.
Please note: Because of technical complications that can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules.

References

Citation in text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with "Unpublished results". "Personal communication" will not be accepted as a reference. Citation of a reference as "in press" implies that the item has been accepted for publication.

Reference links
Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Reference management software
Most Elsevier journals have a standard template available in key reference management packages. This covers packages using the Citation Style Language, such as Mendeley (http://www.mendeley.com/features/reference-manager) and also

others like EndNote (http://www.endnote.com/support/enstyles.asp) and Reference Manager (http://refman.com/support/rmstyles.asp). Using plug-ins to word processing packages which are available from the above sites, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article and the list of references and citations to these will be formatted according to the journal style as described in this Guide. The process of including templates in these packages is constantly ongoing. If the journal you are looking for does not have a template available yet, please see the list of sample references and citations provided in this Guide to help you format these according to the journal style.

If you manage your research with Mendeley Desktop, you can easily install the reference style for this journal by clicking the link below:
http://open.mendeley.com/use-citation-style/journal-of-ethnopharmacology
When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice. For more information about the Citation Style Language, visit http://citationstyles.org.

Reference style
Text: All citations in the text should refer to:
1. Single author: the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. Two authors: both authors' names and the year of publication;
3. Three or more authors: first author's name followed by 'et al.' and the year of publication.
Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references should be listed first alphabetically, then chronologically.
Examples: 'as demonstrated (Allan, 2000a, 2000b, 1999; Allan and Jones, 1999). Kramer et al. (2010) have recently shown ....'
List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters 'a', 'b', 'c', etc., placed after the year of publication.
Examples:
Reference to a journal publication:
Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2010. The art of writing a scientific article. J. Sci. Commun. 163, 51–59.
Reference to a book:
Strunk Jr., W., White, E.B., 2000. The Elements of Style, fourth ed. Longman, New York.
Reference to a chapter in an edited book:
Mettam, G.R., Adams, L.B., 2009. How to prepare an electronic version of your article, in: Jones, B.S., Smith , R.Z. (Eds.), Introduction to the Electronic Age. E-Publishing Inc., New York, pp. 281–304.

Video data

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring

to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect:http://www.sciencedirect.com. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages athttp://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available athttp://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary material

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Database linking

Elsevier encourages authors to connect articles with external databases, giving readers access to relevant databases that help to build a better understanding of the described research. Please refer to relevant database identifiers using the following format in your article: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). See http://www.elsevier.com/databaselinking for more information and a full list of supported databases.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• References are in the correct format for this journal
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
Printed version of figures (if applicable) in color or black-and-white
• Indicate clearly whether or not color or black-and-white in print is required.
• For reproduction in black-and-white, please supply black-and-white versions of the figures for printing purposes.
For any further information please visit our customer support site athttp://support.elsevier.com.

After Acceptance

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal Physics Letters B):
http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059
When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Online proof correction

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.

If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.
We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a personalized link providing 50 days free access to the final published version of the article onScienceDirect. This link can also be used for sharing via email and social networks. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/booklets).

Author Inquiries

You can track your submitted article at http://www.elsevier.com/track-submission. You can track your accepted article at http://www.elsevier.com/trackarticle. You are also welcome to contact Customer Support via http://support.elsevier.com.